R$ 4,00 ANO 3 Nº25 JUNHO 1996

BOOKMAKERS

MACMANIA

SEXO, INTERNET, MACINTOSH
E MUITA EXPLICAÇÃO



OBJETOS DO DESEJO

Núbia de Oliveira mostra onde plugar seu Mac

VÍDEO DIGITAL

QuickTime 2.5 é o que há!

AS CARTAS NÃO MENTEM

GET INFO

Editor de Texto: *Heinar Maracy*

Editor de Arte: *Tony de Marco*

Conselho Editorial: *Caio Barra Costa, Carlos Freitas, Carlos Muti Randolph, Luciano Ramalho, Marco Fadiga, Marcos Smirkoff, Oswaldo Bueno, Ricardo Tannus, Valter Harasaki*

Gerência de Produção: *Egly Dejulio*

Gerência Comercial: *Fernando Perfeito Tel: (011) 287-8078 Fax: (011) 284-6597*

Gerência de Assinaturas: *Rodrigo Medeiros, Tel/Fax: (011) 284-6597*

Fotógrafos: *Hans Georg, João Quaresma, Ricardo Teles*

Capa: *Foto: Vladimir Fernandes*
Ilustração: Alceu Junior, Fernando Faria e Alfredo Hisa
Hardware: Silicon Graphics Indigo 2 e Power Macintosh 8500
Software: WaveFront Explore, Matador, Photoshop 3.0
Make-up: Roberta/First

Correspondentes: *Fernando Farah (Inglaterra), J.S. Comessu (Japão)*

Revisão: *Danae Stephan*

Colaboradores: *Altemar Lopes Santos, Bruno Magalhães, Caio de Marco, Carlos Eduardo Witte, Carlos Ximenes, Dejanir, Guilherme Martins, Luciano Ramos, Luis Colombo, Luis Fernando Dias, Mário Fuchs, Néria Dejulio, Nicolly Magalhães, Ricardo Cavallini, Silvia Richner, Tomoyuki Honda*

Conselho Editorial do Macintóshico: *Alexandre Boëchat, David Drew Zingg, Exu Tranca Rede, Heinar Maracy, Jean Boëchat, Marcos Smirkoff, Mario Amaya Vázquez, MZK, Osvaldo Pavanelli, Tony de Marco*

Hardware: *Apple CD-ROM 300e, Jaz Drive, Personal LaserWriter, Power Mac 7100, Power Mac 6100, Quadra 700, Quadra 605, Quadra 630, ScanMaker II, SyQuest 200 Mb, US Robotics 14400, Zip Drive*

Software: *BancoFácil 1.2, Nisus Writer 4.0, FileMaker Pro 3.0, Fontographer 4.1, FreeHand 5.5, MicroPhone II 4.0, Excel 4.0, Photoshop 3.0, QuarkXPress 3.31*

Fotolitos: *Paper Express*

Impressão: *Adgraf*

Distribuição exclusiva para o Brasil:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 577 CEP20560-000
Rio de Janeiro/RJ Fone: (021) 577-7766

O Copyright das fontes Futura Vitima. Neurastenic Bold. Pinups. Memphis Vitima. Super Serif. Rex Dingbats. Genoveva. Compacta Vitima. SuperMarket. SuperBraille. Macmania Bold e Untitled Font pertence a Tony de Marco. MACMANIA e MACINTOSHICO são marcas registradas da Editora Bookmakers.

MACMANIA é uma publicação mensal da Editora Bookmakers Ltda. Rua do Paraíso, 706 – Aclimação – CEP 04103-001 São Paulo – SP – Tel/Fax: (011) 284-6597

Opiniões emitidas em artigos assinados não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.

MACAIPIRA PIROU

Nóis do interior tamo cansado de ficá mendigando uma luiz doceis da capitar. Ficamo tudo inté tarde cassando "RAM", sofrendo quesses PCs. Só lendo essas revista doceis, pá vê "MACCAIPIRA" que nóis somo. A gente ponha umas foto pá imprimi aqui nos nosso PCs e eles fica tudo pensativo, demora umas treis hora.

Esses dia fui na cabana dum amigo meu vê o MAC dele funcioná. Parecia mais um potro novo de tão arisco, fiquei com vontade de jogá meu PC no meio duma encruziiada e fazê um trabaio pá "PAI MACINTOSHO", pá vê se ele manda baxá nesses lado argum fecho de "MACLUIZ", ou arguma arma "MACPENADA".

Mais inté que isso num acontece, já coloquei nome de tudo quanto é MAC dentro de boca de sapo.

Inté ôtra,

Patric Pugliesi Prado, curtidô desses apareio

São Manuel - SP

Eta nóis, Patric. Sai dessa vida, piá! Pega uns troco na cumbuca pra mó di cumprá um PauerMac du bão e largá essi atraso. I dispois, vê si num isquéci de assiná essa nossa umirde rivistinha, cumpadi.

PROBLEMAS DE PLATAFORMA

Tenho um Centris 650 (68040LC, 25MHz, cache 8 Kb, 4Mb de RAM, 230HD) que consegui por "empréstimo familiar". Apesar de não conhecer bem a "família" Mac – afinal sempre lidei com PCs –, tenho consciência de que se trata de um equipamento antigo.

Não sou um usuário muito exigente, pois faço uso apenas de editores de texto e planilhas. Contudo, estou com problemas de comunicação entre os PCs e o Mac, pois meu "File Exchange" não faz uma transferência boa quando importo arquivos de outras máquinas.

Assim, estou me questionando se não é hora de comprar outro computador (eventualmente voltar ao PC) ou incrementar o velho Centris. Qual alternativa seria mais vantajosa? Se for incrementar o micro, o que devo fazer se, além dos programas que uso, pretendo ingressar na Internet?

Emilio Loures

emilio@novell.coppead.ufrj.br

Se o seu objetivo é apenas acessar a Internet, um Centris 650 dá e sobra. Pelo menos por enquanto. Browsers como o Netscape estão exigindo máquinas cada vez mais potentes para acessar animações e multimídia na Web. Aí o jeito é comprar um Power Mac.

Você provavelmente deve estar tendo esses problemas de comunicação porque está utilizando um sistema operacional antigo, com o velho Apple File Exchange. Tente fazer um update para o 7.5, que pode ser obtido junto às revendas Apple.

ENFIM, A INTERNET

Gostaria de cumprimentá-los e agradecer pela excelente matéria sobre Internet publicada na edição #23. Sem vocês, nós realmente nunca teríamos conseguido. É incrível como os grandes provedores não querem nem saber de usuários de Mac.

Mauro Elme e Denise Faria

São Paulo - SP

Não só os grandes. Os pequenos também. Mas a coisa vai mudar. Os provedores que perceberem que investir um pouquinho em Mac é um bom negócio vão se dar muito bem.

SERIAL KILLER 3.0

Caras, é um saco morar numa cidade onde não existem mais do que meia dúzia de Macs (detalhe: 2 deles na minha casa). Não existem softwares, serviços, nada.

Aquelas materinhas sobre multimídia ficaram duca! Descolei os programas, botei a mão no mouse, mas surgiram algumas dúvidas:

1. Os arquivos gerados no Director rodam também nos PCs?
2. Os efeitos de animação do Studio Pro são animais, mas explodir uma esfera é uma coisa. E se eu quisesse explodir ou esfarelar o Bill Gates, por exemplo?
3. Existem softwares para criar efeitos bidimensionais?
4. Certa vez, li numa revista de vídeo games que seria possível conectar o Mega Drive (console Sega) ao Mac. Como se faz isso?

Domênico Massareto

Jundiaí - SP

1. Sim.

2. Use uma espingarda para caçar multimilionários com balas Dumdum.

3. Qualquer programa de animação, como o próprio Director, cria efeitos 2D. Você só vai ter que criar as animações quadro a quadro em um programa de desenho.

4. Não se faz. Você deve ter se confundido. A única coisa semelhante entre um Mac e o Mega Drive é o chip Motorola 68k, utilizado por ambos.

QUAL O MELHOR BANCO?

Venho trabalhando com Macs há mais de dois anos – antes disso usava PC. Até hoje tenho me saído bem com programas comerciais, como ClarisWorks, PageMaker, Illustrator e outros. Porém, agora tenho a necessidade de usar o sistema administrativo da empresa que eu mesmo desenvolvi em Clipper e C e, portanto, gostaria de saber qual a melhor de maneira de desenvolver um sistema administrativo no Mac (que gere um executável, *stand alone*). Neste ponto é que surgem minhas dúvidas:

1. Devo usar um banco de dados com 4th Dimension, da Acius, ou usar Think C?
2. Existem outras opções além do 4D?
3. Existem bibliotecas para banco de dados em Think C?
4. Não existe nada como Clipper para Mac, simples, porém poderoso?

Obs.: já possuo o Symantec C++ 8.0 e também o FoxPro 2.6 (me recuso a usar, parece até com o Windows, de tão esquisito que é. Foge completamente do padrão do Mac).

Roberto Pujol / Tremembé - SP
E-mail pujol@iconet.com.br

1. Na maioria das vezes, fazer em 4D é muito mais rápido.

2. Sim, o Omnis, da Blyth Software; o Helix, da Helix Technologies; e o FileMaker 3.0, da Claris.

3. Sim. Na MacTech Magazine você encontra diversas propagandas de empresas que vendem essas bibliotecas. Aqui vão os endereços de duas delas:
dtF: The Relational Database System
Fax (001-510) 828-8755
Internet: dtF.america@applelink.apple.com
NeoShare
Client/Server Object Database Engine
NeoAcess
Cross-Plataform Object Database Engine
Fax: (001-510) 524 4501
neoLogic@neologic.com

4. Ainda bem que não! O 4th Dimension permite fazer bancos de dados extremamente complexos, de uma forma muito mais intuitiva que o Clipper.
Ricardo Tannus

MAIS INTERNET

Aqui vão algumas sugestões complementares à matéria de Internet da MACMANIA #23:

PortSpeed - os Mac não-Power (exceto os AV) só suportam a port speed até 38400 – questão de hardware. Ao conectar pela primeira vez deve-se deixar a Port Speed igual ao Baud Rate do modem, e depois ir testando em outras conexões e aumentando até, no máximo, 4 vezes a velocidade do modem. Power Macs podem suportar 115200. Mas isso significa uma conexão de 28.800 com compressão 4:1, V.42bis (o modem de 28.800 não quer dizer uma conexão de 28.800). Um sonho, no Brasil...

Flow Control - Depende do modem e do cabo. Alguns não suportam Hardware Flow Control (CTS & RTS).

Modem Init – o manual do modem pode não ser claro. Ver Modem Inits from TISK (vem com o FreePPP 1.0.5 e outros). Pra quem usa FirstClass, é sempre bom pôr E1 na *string* (liga o *local echo*, que o FC desliga, aí você fica digitando na Terminal Window, não vê nada e acha que deu pau. Nesse caso, dê enter, digite AT&1 – às cegas – e *enter*). Na *string* do modem acrescente S6= (tempo de espera por sinal de discar, em segundos). O *default* de quase todo modem são 2 segundos, que é pouco. Eu uso 10.

Mario Jorge Passos
Rio-V

Grato pelas dicas, Mario.

Para colaborar com a *MACMANIA*, basta escrever para: Rua do Paraíso, 706 Aclimação CEP 04103-001 São Paulo/SP ou acessar os BBSs Rio-Virtual (021) 235-2906 ou SuperBBS (011) 851-5588.
Deixe suas cartas, sugestões, dicas, dúvidas e reclamações na pasta da *MACMANIA nestes BBSs ou mande um e-Mail para:* editor@macmania.com.br

A MACMANIA surfa na Internet pela U-Net (0800-146070)

Perdido no mundo Mac? FAXMANIA é a resposta! Ligue para (011) 816-0448 e disque os códigos:
50521 para Assinaturas
50522 para BBS
50523 para Livros sobre Mac
50524 para Lista de revendas Apple
50525 para Cursos de Mac

A Internet é a resposta!

O novo objetivo da Apple é tornar a Internet tão fácil de usar quanto o Mac

Em pronunciamento na última conferência mundial de desenvolvedores de software para Macintosh, o presidente da Apple divulgou qual será sua estratégia para trazer a empresa de volta à lucratividade e à liderança tecnológica no mercado de computadores pessoais.

A idéia principal de Amelio é mergulhar a Apple de cabeça na Internet, ao mesmo tempo em que torna a empresa menos dependente da venda de CPUs e mais multiplataforma. Alianças estratégicas com empresas como IBM, Oracle, Sun e Netscape deverão ser feitas para colocar a Apple em um papel de destaque como fornecedora de novos equipamentos para acesso à Internet (baseados no Pippin e no Newton) e de padrões para uma nova geração de programas (baseados no OpenDoc e no QuickTime).

Aqui estão as principais mudanças divulgadas por Amelio:

• Até o final do ano será lançada uma nova versão do Mac OS (System 7 ponto alguma coisa) que trará embutidas novas tecnologias, como o QuickTime 2.5, QuickDraw 3D e o OpenDoc, além de partes do Copland (agora conhecido como Mac OS 8) como a nova interface do usuário e um novo sistema de procura de arquivos pelo conteúdo.

• Uma versão otimizada para o acesso à Internet do Pippin com a marca da Apple deverá ser lançada nos EUA até o final do ano.

• Todos os novos modelos de Mac sairão de fábrica com um mínimo de 12Mb de RAM.

• A Apple vai acelerar sua política de licenciamento, procurando parceiros entre os grandes fabricantes de PCs. Como prova, Amelio citou o projeto de um *notebook* desenvolvido em conjunto pela Apple e pela IBM, que deverá ser lançado ainda este ano.

• A Apple trabalhará para fundir o OpenDoc (sua tecnologia de software componente) com o Java, da Sun, o HTML e o Adobe Acrobat para criar uma nova plataforma padrão para rodar programas dentro da Internet.

• As áreas de hardware e software da Apple serão finalmente dissociadas com a criação da AppleSoft e da divisão Macintosh, cada uma com o dever de formular suas próprias estratégias de mercado.

• Nos próximos doze meses, o número de modelos de Mac deverá ser reduzido drasticamente. Dos atuais nove modelos de *motherboard* restarão apenas dois ou três.

• Um modelo de Macintosh especial deverá ser fabricado em edição limitada (apenas 20 mil unidades) para comemorar os 20 anos da Apple.

OCR por rede neural

O OmniPage Pro 6.0, da Caere, o primeiro programa de OCR (Optical Caracter Recognition ou Reconhecimento Óptico de Texto) nativo para Power Macs, já está disponível no Brasil.

O OmniPage utiliza tecnologia de redes neurais para auxiliar no reconhecimento de textos impressos, transformando-os em texto digitado. O programa, que está sendo distribuído no Brasil pela Onion Sistemas, roda em Macs 68030 ou superiores e Power Macs e possui dicionário de Português Brasileiro, o que permite que ele faça reconhecimento de palavras de acordo com o contexto, aumentando seu índice de acertos. O preço no Brasil é R$ 1.113. Usuários de versões anteriores do OmniPage, mesmo as que foram adquiridas em *bundle* com scanners, podem fazer o *upgrade* para a nova versão por R$ 408.

Onion: (0123) 41-5113.

A Corel vem aí com tudo

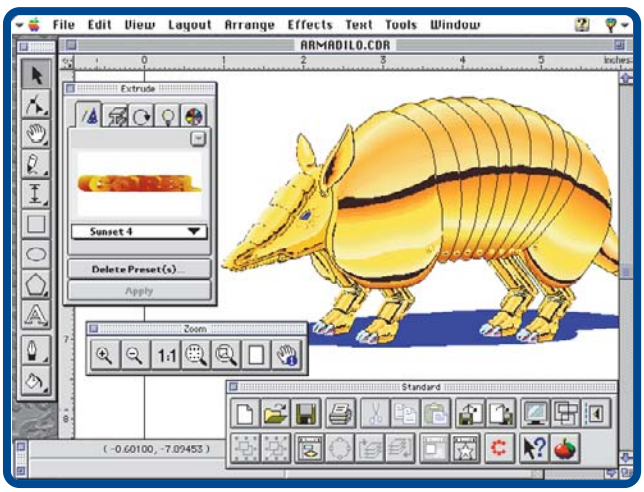
Adobe e Macromedia que se preparem. A gigante canadense Corel vai entrar com tudo no mercado Mac. Além de ressucitar o processador de texto Word Perfect, ela pretende lançar um pacote estilo Office para bater de frente com a Microsoft. Mas a grande cartada da Corel será trazer finalmente para o Mac o seu carro-chefe, o programa de ilustração vetorial preferido por dez entre dez pecezistas: o CorelDraw.

Disponível apenas para Power Macs, o CorelDraw 6.0 deve chegar ao mercado americano ainda neste semestre, a um preço entre US$ 600 e US$700.

A MACMANIA recebeu um CD com uma versão beta do programa, que, à primeira vista, é uma cópia fiel da versão para Windows. A Corel promete, no entanto, adotar tecnologias exclusivas da Apple como o QuickDraw GX e o AppleGuide.

O CD da Corel pede um espaço de 106 Mb de disco para sua instalação completa, o que inclui o CorelDraw, o programa de pintura Impressionist, o Corel Tracer (semelhante ao Streamline da Adobe) e o CorelDream 3D, uma versão licenciada do Ray Dream Designer.

Além de todos esses programas, o usuário ainda leva no pacote 25 mil *cliparts*, mil fontes PostScript, mil imagens *bitmaps* da Corel Art Gallery e 750 modelos em 3D.



Quando perguntarem se tem Corel para Mac, você já sabe o que dizer

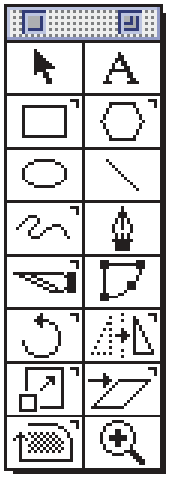
Estourando no Japão



Japonês esperto, né? Importa levista de macintoshiro pra vender para dekassegui maníaco, né?

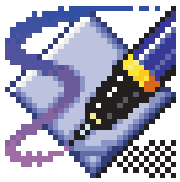
A MACMANIA já pode ser considerada uma revista mundial sobre Macintosh. Graças a empresas especializadas na importação de revistas brasileiras para atender o mercado de *dekasseguis* (brasileiros que foram ao Japão em busca de empregos), a nossa intercontinental revista já está sendo comercializada em Hamamatsu, a cidade que abriga o maior número de brasileiros no Japão.

Para os munhecas que andaram reclamando do preço da revista, uma informação, apenas a título de comparação: devido ao frete e imposto de importação, os macmaníacos japoneses chegam a pagar até R$ 15 pela sua dose mensal de MACMANIA.

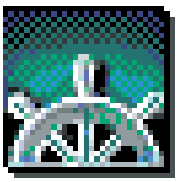


FERRAMENTAS PELO TECLADO

Para mudar as ferramentas do Toolbox do FreeHand 5.0 pelo teclado aperte:
0 - Setinha de seleção.
A - Texto
1 - Retângulo
2 - Polígonos ou Estrelas
3 - Elipse
4 - Line Tool
5 - FreeHand Tool
6 - Path Tool
7 - Estilete
As outras ferramentas são acionadas na palete Transform (⌘-M).
Para exibir ou ocultar todas as paletes, menos a Toolbox, aperte F12 ou ⌘-Shift-H
Todos sabem daquela velha combinação ⌘-Espaço para aumentar a tela e ⌘-Option-Espaço para reduzir. O que poucos sabem é que ao apertar ⌘-Control-Option-Espaço você terá um zoom de apenas 6%.



Thiago Gimenes Costa
São Paulo - SP

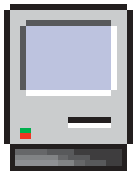


PROCURANDO EMPRESAS NA WEB

Está atrás da página da Web de uma grande empresa mas não sabe o endereço? Experimente digitar apenas o nome da empresa na caixa de *location* do Netscape. Se tiver sorte, ele mesmo acha o endereço certo.

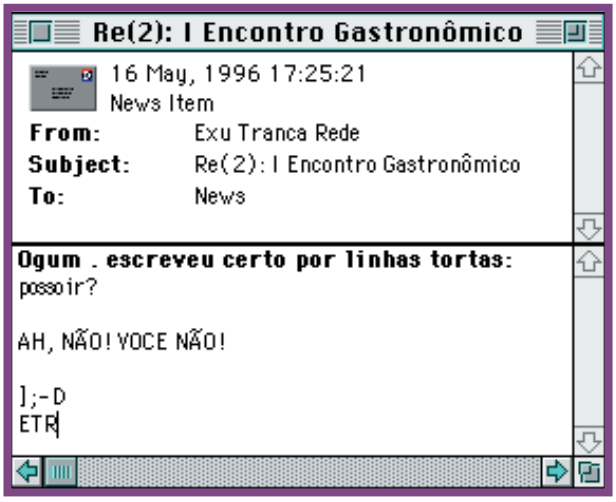
O RELÓGIO PAROU

Para desligar o relógio que aparece no menu bar sem acessar o *control panel* Date and Time, basta clicar no mesmo segurando a tecla Option. Para voltar ao relógio, clique de novo com Option no espaço vazio que ficou. Ideal para diminuir a tensão quando faltam alguns minutos para entregar um trabalho.

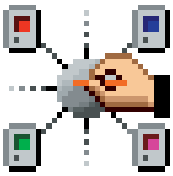


Bruno & Miriam
Rio-V

CITAÇÕES NO FIRST CLASS



Detone seus amigos online logo na primeira linha do Reply



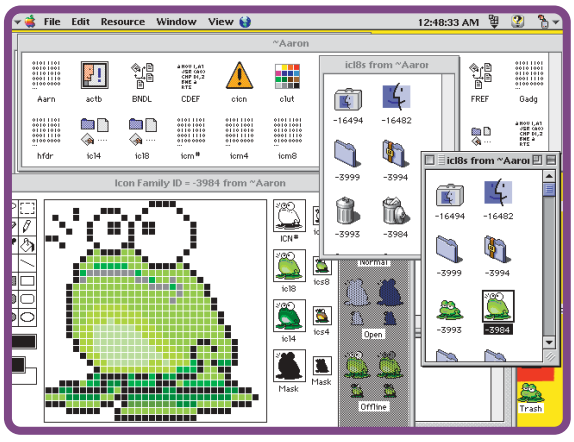
Para mudar um *Quote* (Citação, recurso automático do FC 3.1), de "Fulano writes" para "Fulano disse" ou qualquer outra coisa, é só cair matando no Resedit. Abra a *resource* STR# ID 1300 "Quoting" e mande bala.
Exu Tranca Rede
São Paulo - SP



TROCANDO DE LIXO

Atenção: *O ResEdit é um programa shareware que permite alterar recursos do sistema, como fontes, ícones e quadros de alerta. Ele pode causar danos aos dados que você mantém em seu computador. Use-o com muito cuidado.*

Há uma maneira de alterar o ícone do lixo, sem precisar mexer no arquivo System. Basta abrir a *extension* Aaron (incluído no disquete do assinante da MACMANIA), clicar nas resources -3993 e -3984 e mudar os ícones da latinha fechada e aberta para o que você quiser (como o sapinho da ilustração). Greg Landweber, autor do shareware Aaron, não desaprova explicitamente mudanças em seu programa, mas pede que cópias modificadas não sejam distribuídas. Greg diz que já dá muito trabalho ter que responder aos problemas de usuários da versão oficial.



Esse ícone do sapinho é uma das coisas mais finas desse mundo

Mande sua dica para a seção SIMPATIPS. Se ela for aprovada e publicada, você receberá uma exclusiva camiseta da *MACMANIA*.

GILBERTOGIL.COM.BR

O músico que misturou guitarra com berimbau adiciona a Web na receita

O primeiro computador do cantor e compositor Gilberto Gil foi um *laptop* Toshiba comprado por impulso em Nova York, em 1991. Depois de seis meses sem conseguir usá-lo, Gil o vendeu para seu amigo e conterrâneo Caetano Veloso.

Depois, por influência de sua mulher, Flora, vieram os Macs: um Classic, um Performa 575, dois PowerBooks e um Power Mac 8100/80, além de uma impressora laser e duas jatos-de-tinta coloridas. Todo esse arsenal está montado e funcionando em seu apartamento no Leblon, no Rio de Janeiro.

Gil não se considera um fanático por computadores. "Macmaníaca é a Flora", diz ele. "Eu acho fascinante o mundo da informática, mas não tenho tempo para me embrenhar nele. Eu sempre mexi com imagens e sons, mas nunca tive vontade de ter um estúdio de vídeo em casa. Um estúdio de som já me passou pela cabeça, mas não saiu disso. Agora eu tenho a possibilidade de ter tudo isso dentro de um computador. É maravilhoso, mas é preciso tempo para se dedicar a isso. Tenho a impressão de que se eu entrar nesse mundo eu não saio mais".

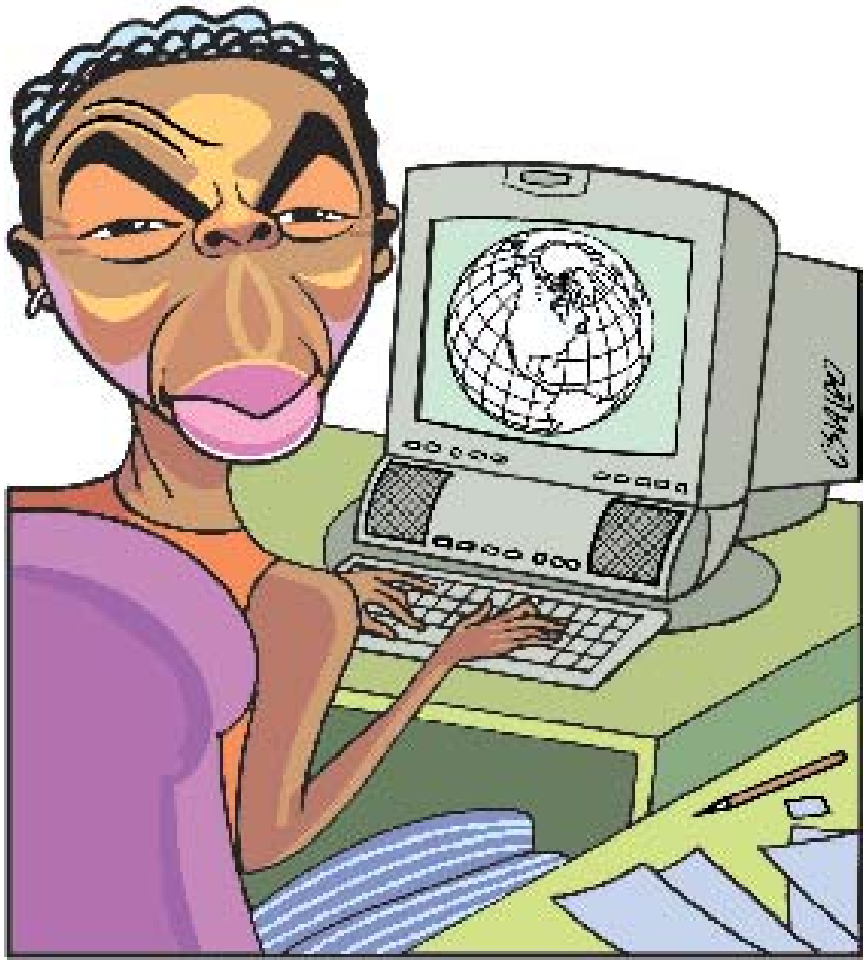
Mesmo utilizando o computador principalmente para escrever artigos e "brincar com imagens", Gil considera sua obrigação "abrir a picada tecnológica da produção cultural brasileira". Para isso, está preparando um CD-ROM, previsto para ser lançado em 1997, e montou sua própria página na Internet.

Produzido por Pedro Milliet e André Breitman, o *site* de Gil permite ao fã ouvir trechos de músicas, conhecer dados biográficos do artista, consultar sua discografia, com direito às letras das músicas. Partituras MIDI com pequenos arranjos camerísticos das canções deverão estar disponíveis em breve.

Como não podia deixar de ser, o site é organizado por Flora, que também controla a editora musical de Gil através de seus Macs. "Tive uma pequena experiência com um PC, mas achei muito complicado. É uma máquina desestimulante".

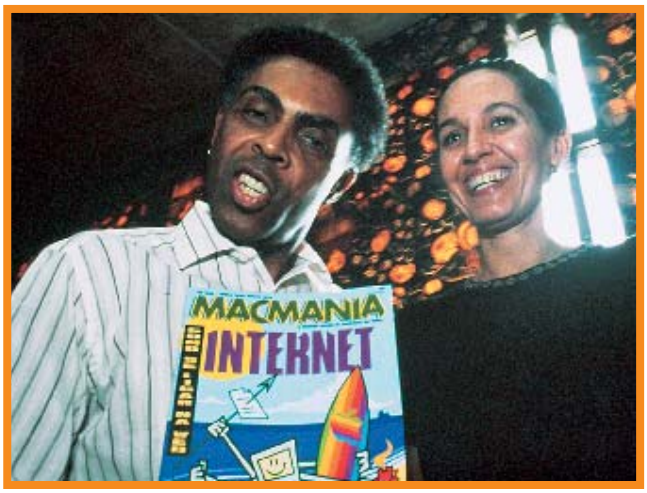
Quando fala sobre a questão dos direitos autorais – ponto importante para um músico que pretende disponibilizar suas criações para o mundo todo via Internet – Gilberto Gil, que se diz pouco informatizado, parece estar citando Nicholas Negroponte, o teórico da Vida Digital.

"Acho que a Internet vai forçar todos nós a flexibilizar esse conceito do direito de autoria. Ela criou uma nova área de domínio público. Um lugar onde existe uma moeda virtual que nunca se transforma em dinheiro. É um espaço autoralmente democrático e vamos ter que nos adaptar a ele". M





Cyberporteira de entrada do site do picapau amarelo



João Quaresma

Gil e Flora largaram o PC e agora são macmaníacos de carteirinha

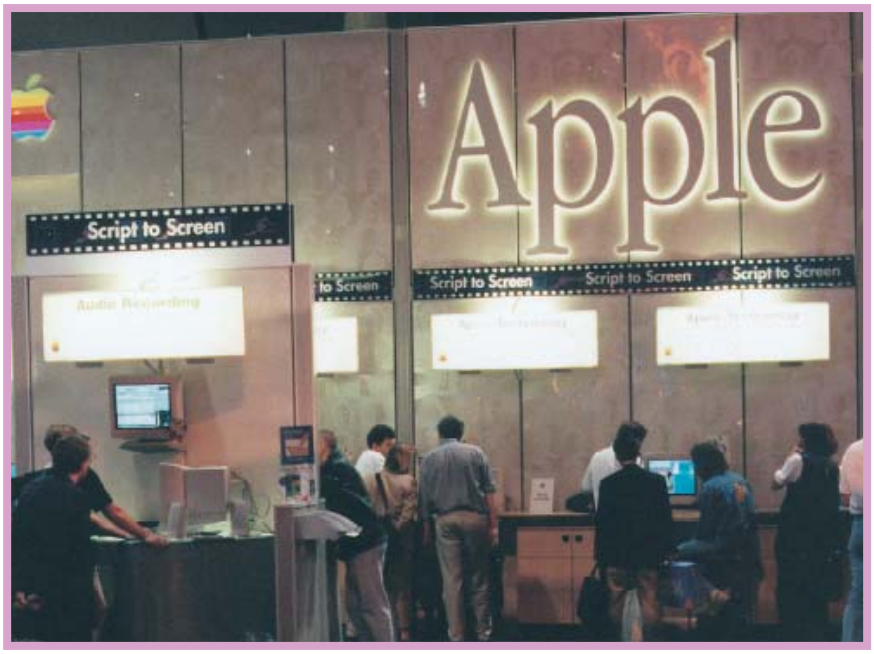
A HORA DO QUICKTIME

Do roteiro à tela, só deu Macintosh na feira da NAB96

A NAB *(National Association of Broadcasters)* é o maior e mais importante evento na área de equipamentos e tecnologias para os mercados de produção, distribuição e transmissão de TV *broadcast*. Todo ano voam para Las Vegas milhares de profissionais das mais importantes produtoras e estações de TV do mundo inteiro.

Aí você pergunta: e o que a MACMANIA tem a ver com isso? E eu respondo: tudo. Porquê? Porque, graças ao QuickTime, extensão de sistema responsável pelas mídias dinâmicas no Macintosh, a plataforma Mac é a melhor e mais usada para *desktop video*, a integração dos computadores à produção de vídeo.

E como o *desktop video* está cada vez mais forte e presente no meio televisivo, a cada ano diversos fabricantes de *hardware* e *software* para Mac aumentam significativamente a sua participação na NAB. Na edição que ocorreu de 15 a 18 de abril de 96 não foi diferente. A Apple, por exemplo, ocupou um dos maiores estandes, logo na entrada, da área da feira destinada à exposição NAB Multimedia World.



João Velho

A NAB não é uma feira abarrotada de gente como a Fenasoft. Ufa, ainda bem!

Justificando seu slogan para a feira, "Script to Screen" (do roteiro à tela), o estande da Apple estava dividido em cinco áreas de aplicações distintas, que cobriam todas as fases de produção de um vídeo, e uma área só para as tecnologias nativas da empresa. Cada setor era ocupado com várias *workstations*, nas quais os produtos de diversos fabricantes estavam em demonstração.

Na área de "Pré-Visualização" estavam os *softwares* para roteiros, orçamento e *storyboard*, enquanto na de "Interatividade/Internet" demonstravam-se soluções para CD-ROM e multimídia na Internet. Fora o setor de tecnologias da Apple, havia ainda os setores de "Gravações de Àudio", de "Broadcast Design", com soluções para computação gráfica, texto e efeitos especiais, e mais um outro, o mais importante, para edição de vídeo e filme, chamado de "Produção Independente". Mas a grande novidade da Apple para a NAB seria desvendada na conferência de imprensa, capitaneada pelo conhecido Satjiv Chahil, vice-presidente de marketing corporativo da empresa. Lá foi lançada a versão 2.5 do QuickTime, que vem torná-lo, de fato, um verdadeiro padrão de vídeo profissional.

Aqui estão as maiores mudanças no QuickTime 2.5:

Formato de arquivo M-JPEG intercambiável - Isso significa que com essa versão será possível trocar arquivos de um sistema de edição não-linear para outro, sem problemas com diferenças entre os padrões de compressão de imagem dos mais importantes fabricantes. Um vídeo captado numa estação Avid, por exemplo, rodará num Media 100 ou em uma Targa 2000.

Suporte ao multiprocessamento - A versão 2.5 dará suporte a estações com processadores múltiplos, como a Genesis MP da DayStar.

Suporte para objetos 3D - Com esse recurso, será possível usar o QuikcDraw 3D para renderar objetos 3D em tempo real, dentro de um filme QuickTime. Os profissionais de vídeo estarão habilitados a fazer composição, sincronização e animação de objetos 3D de alta qualidade junto com outras mídias de vídeo, áudio e música.

Também estavam lá no pavilhão de multimídia da NAB empresas como Adobe, Macromedia, MetaTools, Diaquest, Quantum, Micropolis, Strata, Specular e muitas mais. Nos demais pavilhões também marcaram presença a Microsoft, Eletric Image, True-



Depois de muita espera, finalmente a Sony entra na era da edição não-linear com o DLE-100



O Boris Effects faz trocentos efeitos de transição cabeludos

NOVIDADES DA NAB 96

Strata - Adquiriu o *software* VideoShop, que era da Avid.

MetaTools - Iniciou a distribuição do *software* para efeitos especiais em vídeo, KPT Final Effects em versões para o Adobe Premiere e para o After Effects.

Artel Software - Fabricante de outro *software* de *plug-in* para efeitos especiais, a Artel anunciou a versão beta do Boris Effects 2.0 para Adobe Premiere e Media 100.

FWB - Anunciou a versão 2.0 do seu Hard Disk ToolKit.

Digidesign - Apresentou o ProTools PCI, a tão esperada versão da família de produtos para áudio digital.

Opcode - Mostrou a versão 3.0 do Studio Vision Pro que, com o recurso Audio-to-MIDI e MIDI-to-Audio, vai permitir edição de áudio digital como se fosse um arquivo MIDI.

Adobe - O After Effects 3.1 foi seu carro chefe para a plataforma Mac na NAB. Vem com suporte para a *workstation* com multiprocessamento da DayStar, a GenesisMP, suporte para novos formatos de arquivo, novos *plug-ins* e funções adicionais, além de maior velocidade em algumas áreas.

Eletric Image - Anunciou uma versão mais barata (US$2.495) do seu *software* principal, o EletricImage Broadcast. A diferença básica para a versão mais cara é que a nova versão suporta resolução de tela apenas até 768x576 pixels, o suficiente para trabalhos profissionais em vídeo.

NewTek - O fabricante do VideoToaster divulgou acordo com a Apple e a Sun para desenvolver um trabalho conjunto em torno de ferramentas para animação 3D e vídeo. De cara, dará suporte para QuikDraw 3D e QuickTime VR, e fará uma versão do *software* de animação LightWave 3D para Power Mac.

ImMIX - Fabricante do VideoCube, apresentou uma família totalmente diferente de *workstations*, a Sphere. São 4 modelos, sendo que o MicroSphere, o mais acessível (US$13.500 placa-software ou US$29.500 o sistema completo), incorpora a recém anunciada placa TARGA 2000 RTX. A família Sphere adotou o padrão QuickTime como formato de arquivo e ao mesmo tempo abandonou o algoritmo Wavelet, usado nos modelos TurboCube e VideoCube, para aderir ao M-JPEG.

Avid - Com um dos maiores estandes da feira, fez um movimento estratégico na área dos sistemas profissionais de baixo custo, configuráveis pelo usuário. Ela mostrou um novo sistema totalmente aberto para edição não-linear, o MCXpress, por cerca de US$14.000. A Avid também anunciou a versão 3.0 do software Elastic Reality e um acordo com a mFactory em torno da criação do Avid Interactive Media Studio, para desenvolvimento e distribuição de multimídia.

Pinnacle Systems - Não confundir com a Pinnacle Micro. Essa anunciou uma nova família de produtos chamada Genie. São placas PCI para efeitos 3D, transições e *layering* em sistemas de *desktop video*. Uma delas, a GenieFusion, trabalha com sistemas não-lineares, reduzindo o tempo de renderação em efeitos 2D e 3D e composições multicamadas.



João Velho

Dispensando a flauta, Satjiv Chahil encanta a platéia no stand da mãe Apple

Vision, FWB, Micronet, DataTranslation, Avid, Pinnacle Micro, ATTO, ImMIX e outras tantas que volta e meia a gente vê nas páginas de revistas descoladas como esta.

Um dos maiores destaques em *desktop video* para Mac na NAB96 foi sem dúvida o mais novo lançamento da TrueVision, a Targa 2000 RTX. Seu recurso mais importante é a arquitetura *dual-codec* M-JPEG, que propicia efeitos digitais 2D em tempo real. Vai ser a festa!

Mas a Targa 2000 RTX traz outros avanços significativos em relação aos outros modelos da linha Targa 2000: saída *alpha channel*, *Breakout Box* para integração com equipamentos profissionais, nível de *black* ajustável, conectores XLR para áudio balanceado (CD/DAT), e *data rate* de até 9 MB/s (300 KB/frame) por canal.

O que impressiona é que esse produto está levando diversas plataformas que antes só operavam com sistemas fechados, como a ImMIX com o VideoCube, a vender seu *software* separadamente para ser usado junto com a nova placa. Sem falar que a Avid já usa direto uma adaptação da Targa atual, e que a Sony (quem diria!) está desenvolvendo uma nova ilha de edição não-linear baseada num Macintosh com uma versão da Targa 2000.

A introdução do modelo TRX veio atingir em cheio a Data Translation, fabricante do Media 100, que, para abalar a TrueVision, tinha lançado uma outra versão do seu sistema, o Media 100qx, na mesma faixa de preço da Targa 2000 (por volta de US$ 5.000/EUA). Sem dúvida, para felicidade do usuário, o mercado vai esquentar ainda mais.

Vem da Alemanha um outro produto que já ajudou a manter a alta temperatura do *desktop video* para Mac na feira: é a placa PCI MiroMotion DC20, que por menos de US$1000 FOB, oferece vídeo com qualidade *broadcast* (640x480/compressão até 5:1/60 campos por segundo). Ainda vamos ouvir falar mais dessa alemãzinha aqui na MACMANIA.

JOÃO VELHO
É produtor de vídeo digital. Passeou bastante pela NAB96, onde adquiriu uma placa MiroMotion para incrementar seu já envenenado Power Mac 8500.



Objeto

De um novo
conheça os
a

Até bem pouco tempo atrás, o maior objeto de desejo do macmaníaco brasileiro era uma passagem para os EUA. Só assim ele conseguiria encontrar aqueles equipamentos fantásticos e máquinas maravilhosas que via anunciados nas revistas importadas.

Hoje a coisa mudou. A chegada da Apple ao Brasil vem estimulando diversas empresas a trazerem produtos para o mercado Mac. Uma prova é esta matéria, com dezenas de produtos compatíveis com Mac, todos disponíveis no país.

Outro indicador dessa mudança são os catálogos MacZone e MacWarium, com uma expressiva quantidade de ofertas somente para os olhos dos usuários de Mac.

A Macmania fez uma pesquisa entre seus colaboradores para saber quais eram seus sonhos de consumo. O resultado está aqui: objetos do desejo com preços indo de R$ 15 a R$ 200 mil, uma prova de que dinheiro não é tudo (mas é 100%).

Convidamos outro objeto de desejo dos brasileiros, independente da plataforma: a modelo e atriz Núbia de Oliveira.

Em um ensaio fotográfico inédito em uma revista de informática, Núbia nos ajudou a testar a resistência de vários equipamentos apresentados nesta matéria e agora vai ajudar a testar o poder de concentração de nossos leitores.

s do Desejo

mousepad a uma gráfica particular, acessórios e equipamentos que fazem cabeça dos macmaníacos.

por Heinar Maracy

Objetos de Consumo

Equipamentos que qualquer usuário gostaria de ter

3M Precise Mousing Surface

Um mousepad mais esperto que os outros

Um mousepad é um mousepad. Um pedaço quadrado de espuma de polietileno com um desenho de gosto duvidoso ou o logo de uma empresa qualquer. Não há muito o que inventar, certo? Não é o que pensa a 3M. Mais conhecida por seus produtos na área gráfica e por suas fitas adesivas, a 3M resolveu diversificar e criar um mousepad mais inteligente que os outros. O 3M Precise Mousing Surface é um pouco mais grosso que uma folha de papel, tem um lado que adere imediatamente a qualquer superfície plana e o outro formado por uma microestrutura em forma de pirâmides. Aí é que está o segredo do mousepad. Sua estrutura irregular permite que o mouse deslize suavemente, sem escorregar ou emperrar. Segundo o fabricante, além de melhorar a precisão do mouse, ele reduz o contato deste com a sujeira e gordura, diminuindo a necessidade de limpá-lo. Testamos o bicho e não temos o menor receio de carimbar o selo de qualidade da MACMANIA sobre ele. Jogue fora essa coisa suja e peluda que você chama de pad e faça um rato feliz. À venda em supermercados, papelarias e lojas de informática por R$ 15.



Esperto mesmo foi o mouse: não teve dúvida, escolheu a Núbia.

Newton

Faça um nerd feliz

Os PDAs (Personal Digital Assistants) vieram para ficar. No próximo século, eles serão tão comuns quanto as atuais agendas eletrônicas de bolso e blocos de anotações. Essas são as previsões da maioria dos cabeções do Conselho Editorial da MACMANIA. Todos têm, já tiveram ou gostariam de ter um Newton. Mas, para que serve um Newton? Vamos ouvir a opinião de Marco Fadiga, responsável pela coluna desta revista sobre o PDA da Apple:

"Eu confesso: sou um tralheiro eletrônico juramentado! Basta sair um gadget novo que já fico me coçando de vontade de tê-lo em mãos, muitas vezes sem saber bem para quê. Entretanto, com o Newton foi diferente. Tenho um relativo pé-atrás com tecnologias totalmente novas que prometem mundos e fundos, em especial quando vêm dessa empresa que tanto odiamos amar, aquela cujo logo é uma maçã.



O Newton reconhece a Núbia e treme ao sentir essas mãos envolvendo seu corpo.

O PaperPort escaneia tudo...
hã... bem, quase tudo.



Logo após o lançamento, tive a oportunidade de furungar um tanto com a máquina. Subjetivamente, a impressão foi a melhor possível: um aparelho simpático, de design arrojado, quase sexy e capaz de arrancar aaahhs! e oohhhs! de qualquer apreciador das mumunhas high tech. E olha que naquele tempo o MessagePad não vinha com a Núbia a tiracolo...
No test-drive, entretanto, ficou patente que o produto ainda não estava acabado. Travava por qualquer palavrão falado – e às vezes até mesmo pelos apenas pensados – requerendo um reboot. E mais: o suporte a comunicações era pífio e a velocidade de operação não satisfazia. Fiquei com a minha Digital Diary.
Tempos após, mais precisamente em janeiro do ano passado, surgiu a versão 120, a primeira que dá para classificar como verdadeiro objeto de desejo. Com 2Mb de RAM, melhor suporte a comunicações e o sistema já na versão 1.3, ele se tornava útil. Comprei um, com alguns opcionais, como um PC Card extra de 2Mb (indispensável) e um belo estojo de couro que eventualmente faz dublê de fantasia de crente. Parece capinha de Novo Testamento, daquelas que andam por debaixo de braços mais cristãos do que os meus.

NewtonBooks

A principal utilização que dou a ele, noves fora agendas de telefones e compromissos, que poderia continuar gerenciando ad infinitum com minha agenda Casio, é pôr em dia minhas leituras atrasadas. Viciado em informação e consumidor de arquivos texto injetáveis via artéria subclávia, nada melhor que o conceito dos NewtonBooks. Eles são pequenos programas gerados no desktop contendo o texto que aprouver ao usuário. Assim, posso curtir as inúmeras listas e newsgroups que assino via Internet no sossego de um taxi, ônibus, avião ou esperando um cliente antes de uma reunião. Não que tenha conseguido finalmente ficar em dia com a leitura, se é que algum dia estarei, mas não posso culpá-lo por isso, que tem sido um companheiro insubstituível na tarefa.
De alguns gadgets, fala-se que só faltam cantar mulher. Esse, no entanto, deu uma grande dor-de-cabeça com o sexo oposto. Ouvi mais de uma vez esporros homéricos de uma ex, que não suportava que eu andasse com ele para cima e para baixo. De certa feita, em um restaurante chinês, aproveitei a deixa de sua ida ao banheiro para pôr em dia um banco de dados que faço sobre casas de pasto. Ao voltar, amarrou a maior tromba e reclamou que eu bem poderia estar fazendo um poema para ela na sua ausência. Nesse momento descobri que ela definitivamente não me conhecia..."

Marco Fadiga

Quem acha que vai poder utilizar o Newton da mesma forma que usa um bloco de anotações pode tirar o cavalo da chuva. Apesar do reconhecimento de escrita ter melhorado muito, sua velocidade de resposta não é suficiente para esse tipo de uso.
A chave está em encarar o Newton como ele é: um computador de bolso. Uma maneira de carregar com você dados importantes para seu tipo de negócio.
É através desse enfoque que o Newton vem crescendo como ferramenta para aplicações verticais em empresas. Já existe até uma empresa no Brasil, a Omniamedia (011-970-1415) especializada em desenvolver soluções para empresas baseadas no PDA da Apple. O Newton pode ser encomendado em qualquer revenda Apple, por R$ 1.065.

PaperPort
O fim da pilha de papéis

"O primeiro produto que me ocorre quando penso em um objeto de desejo para o macmaníaco que já tem tudo (falo, é claro, de acessórios pro seu Mac que não custem o preço de um carro usado) é o PaperPort, da Visioneer. Um scanner diferente que se tornou um autêntico campeão de vendas no ano passado, nos EUA.

Pra começar, o que é que o PaperPort tem de diferente? Não é um scanner como qualquer outro? Não, não é. E o que o PaperPort tem de mais diferente é a maneira como se trabalha com ele. Ele é basicamente um scanner para documentos (embora você possa escanear fotos também – em grayscale, a versão colorida ainda não foi desenvolvida), mas funciona da maneira mais simples que um scanner pode funcionar: basta ligá-lo a uma das saídas seriais do Mac e encostar a folha do documento que você quer escanear. Na mesma hora, o PaperPort "puxa" o papel e o apresenta na telinha do micro.
E daí? Não é a mesma coisa que um scanner de mesa faz? Também aqui a resposta é não: o documento escaneado aparece imediatamente na janela do programa que acompanha o PaperPort. A partir daí você pode pintar o sete com ele. Imprimir, faxear, transformar o texto em caracteres editáveis (OCR) ou fazer um link para o seu programa preferido – um Word da vida, por exemplo. Tudo isso se faz com apenas um ou dois cliques em botões facilmente identificados. Além disso, uma vez dentro do programa PaperPort, seu documento pode ser anotado de várias maneiras, como se faz com um documento comum. É possível destacar uma parte importante de determinado texto com um tipo de marcador digital (como aquelas canetinhas amarelas), marcar frases ou palavras com bordas vermelhas, ou até mesmo incluir no documento anotações em stickies próprios do programa.
No dia a dia, aprendi a usar o PaperPort principalmente para diminuir a quantidade de papelada solta que andava espalhada pela mesa e gavetas do escritório. Malas-direta que você quer ler com calma quando tiver tempo, anotações do tipo "guardanapo", extratos de banco ou contas de telefone meio esquisitas, cartas diversas, tabelas de preço, você imagina o que quiser.

E parece que existe um mercadão para esse tipo de produto, pois vários fabricantes já lançaram scanners semelhantes. A HP licenciou o PaperPort e o vende com o nome de ScanJet 4s . A UMAX lançou o PageOffice e promete uma versão colorida para o segundo semestre.

Mas a Visionner não dormiu no ponto e lançou, faz alguns meses, o PaperPort VX, que é nativo para Power Macs e possui capacidade para 256 tons de cinza, entre outros melhoramentos.

Pra resumir, o PaperPort é um objeto de desejo, sim. Facilita a vida de qualquer pessoa que use o Mac na administração do dia a dia, é moleza de usar e não dá problema nem dor de cabeça. E o melhor de tudo é que esse é um sonho que a gente pode ter de olhos abertos: nos States, ele custa um pouco menos de trezentos dólares. Aqui, cerca de R$ 480, em catálagos do tipo MacWarium ou MacZone (na verdade, o PaperPort está entre as melhores ofertas que esses novos catálogos nacionais têm pra oferecer.). É usar e comprovar!"

Ricardo Serpa

Câmeras Digitais

Veja mamãe! Sem filme!

Uma câmera digital é um brinquedo caro, mas muito divertido. Seu uso profissional depende da relação que você faz entre a definição da imagem e a necessidade de um meio rápido e prático de tirar fotos.

É possível usar uma câmera digital em editoração eletrônica? Na opinião da MACMANIA, sim. Tanto que volta e meia publicamos umas fotos tiradas com a QuickTake. A qualidade da imagem não se compara a uma foto convencional escaneada, mas muitas vezes a velocidade com que uma foto pode ser tirada e posicionada em um programa de paginação compensa a pouca definição.

Para quem trabalha com publicações na Web ou multimídia, as câmeras digitais também quebram um galhão. Arquitetos e vendedores de imóveis podem tirar fotografias de terrenos e construções que depois podem ser utilizadas em estudos de projetos.

Mas a farra mesmo é brincar de lambe-lambe digital. Uma câmera, um Mac e uma impressora colorida fazem a alegria de qualquer festa. Basta fazer a foto e imprimir quantas cópias quiser.



Núbia testa a Kodak enquanto a QuickTake espera tranquilamente a sua vez.

Testamos para esta matéria duas câmeras digitais: a QuickTake 150 (R$ 1.094), da Apple, e a DC 40 (R$ 1.500), da Kodak. Outras empresas, como Casio, Polaroid e Epson, também estão lançando modelos próprios de câmeras.

A QuickTake permite tirar 16 fotos de 640 x 480 pixels, vem com uma lente extra para fotos em close-up e o software PhotoFlash 2.0. A câmera da Kodak tem uma resolução maior (756 x 504 pixels) e permite armazenar até 48 imagens.

A DC 40 é mais cara que a QuickTake, mas, em compensação, tem características um pouco mais profissionais. A principal é uma série de lentes intercambiáveis que permitem fazer fotos em ângulos mais abertos, com zoom ou close.

A Kodak deve trazer em breve ao Brasil a DC 50, cuja principal inovação é o uso de cartões PCMCIA para armazenar fotos. Ela tem também zoom embutido e controles para abertura e velocidade.

A QuickTake, por sua vez, é mais integrada ao Mac, podendo inclusive ser "montada" no Desktop, com a instalação de um pequeno Control Panel.

PowerCard 601

Transforme seu velho Mac em um Power

Qual o maior objeto de desejo de um usuário de um Mac com chip 680x0? Um Power Mac, é claro! A cada dia que passa, mais e mais softwares aparecem em versões compatíveis apenas com o chip PowerPC.

A primeira alternativa é passar para a frente a bagaça e comprar um Power novinho em folha. Mas, por mais estranho que pareça, usuários de Mac costumam ficar emocionalmente ligados às suas máquinas, por mais lentas que elas sejam. Resta a opção do upgrade.

Historicamente, o Mac nunca foi muito bom de upgrade. A relação custo benefício da troca de motherboards nunca compensou. A coisa só mudou com a chegada das placas da DayStar, que podem ser instaladas no slot PDS de Macs IIci, LC e Performas 475 e 630, transformando-os em Power Macs.

A PowerCard 601 (R$ 899, sem impostos) dobra a velocidade do clock do Mac e substitui o chip 680x0 por um PowerPC 601. Portanto, se você possui um Performa 630 (que tem um clock de 33 MHz) ele vai trabalhar a uma velocidade semelhante à de um Power Mac 6100/66.

A instalação da PowerCard não é a coisa mais intuitiva deste mundo. Exige a retirada do chip com uma ferramenta especial, em um processo bastante delicado. O ideal é que a instalação seja feita por uma assistência técnica.

Um ponto desfavorável que deve ser levado em conta é o fato de que algumas funções do próximo sistema operacional, o Mac OS 8 (ex-Copland), não funcionarão em Macs com placas de upgrade, só em Power Macs legítimos.

Mesmo assim, se você precisa desesperadamente de um Power Mac e está com a grana curta, essa pode ser uma boa solução. Na próxima edição da MACMANIA, faremos um teste mais detalhado da placa PowerCard 601.

QuickCam

Uma câmera de vídeo ao alcance de todos

A QuickCam é aquele tipo de acessório que, de tão bom, deveria vir junto com o Mac. É a câmera de vídeo mais barata do mundo. O modelo preto-e-branco pode ser comprado por R$ 150 no Brasil.

A câmera-bolinha foi um sucesso estrondoso no mundo inteiro. Os filmes que ela faz são preto-e-branco, o som nunca sincroniza com a imagem e o resultado parece um filme de Carlitos, mas e daí? Ao invés de tirar fotos dos amigos, você pode filmá-los de queixo caído ao ver sua imagem rodando na tela do Mac.

A grande novidade é que a Connectix já lançou um modelo colorido, que deverá estar chegando em junho ao Brasil, por um preço ao redor de R$ 300.

A Color QuickCam tem o mesmo formato esférico do modelo anterior e é conec-

tada ao Mac pelas portas serial e ADB. A conexão ADB é por onde a câmera tira a energia para seu funcionamento. Mas não se preocupe, ela traz um plug extra para ligar o mouse e o teclado em seqüência.

A nova câmera pode capturar imagens de até 640 x 480 pixels em milhares de cores e tem um frame rate maior que a anterior, chegando a 24 frames por segundo no tradicional formato caixinha de fósforo.

Isso é possível graças a uma nova tecnologia de compressão de vídeo desenvolvida pela Connectix. O microfone embutido também foi abandonado porque comprometia a qualidade do vídeo colorido.

Acompanham a câmera novas versões dos programas QuickPICT, para fazer álbuns de fotografias digitais e QuickMovie, que permite alterar a qualidade do vídeo gravado, flipar e espelhar o filme enquanto está sendo gravado. Como ocorreu com a câmera P&B, os usuários de Mac foram os primeiros a poder usufruir da Color QuickCam (yesss!). A versão Windows ainda está em desenvolvimento.

ONDE ENCONTRAR

3M (MousePad): (019) 864-7022
Apple (Newton, QuickTake): (0800) 12-9080
MacWarium (PaperPort, PowerCard 601): (0800) 31-3133
Hewlett-Packard (Scanjet 4s): (011) 726-8066
Kodak (DC 40): (011) 864-8144
Dellacenter (QuickCam): (0142) 23-0909



Enrolada em seus braços, a QuickCam é a cobra focalizando Eva.

Desejo de Espaço

O sonho do armazenamento perfeito

Memória nunca é demais. Dez entre dez macmaníacos ouvidos pela nossa pesquisa tinham fatalmente como um de seus objetos de desejo ou mais memória RAM ou mais espaço em disco ou os dois.

A boa notícia é que o preço da memória RAM baixou recentemente. Enquanto no ano passado o preço do megabyte circulava em torno de US$ 50, hoje ele está ao redor dos R$ 30 e em queda livre. É claro que ninguém sonha com 8Mb de RAM, mas com aquelas DIMMS de 128 Mb (um pente desses não sai por menos que uns três paus) mais difíceis de achar que pelo em ovo.

Outra boa notícia é que a Kingston, um dos mais renomados fabricantes de RAM do mundo, já está no Brasil. Tudo bem que hoje qualquer memória de PC cabe num Mac, mas convém não facilitar. Às vezes vale a pena comprar um material mais confiável para não ter dor de cabeça depois.

Aparelhos para armazenamento de dados também estão com a bola toda. É impressionante como surgiram novidades nessa área de uns tempos para cá. Fizemos aqui uma análise aprofundada dos equipamentos mais acessíveis no momento: o ZIP, da Iomega, e o EZ Drive, da SyQuest. Mas não esquecemos as novidades high-end, como o Jaz, o DataDock e gravadores de CD.

EZ135 x ZIP Drive

A briga dos baixinhos

Sou o orgulhoso proprietário daquele que deve ser o primeiro Macintosh de Guarulhos equipado ao mesmo tempo com um EZ Drive da SyQuest e um Zip Drive da Iomega. O primeiro foi comprado por mim em outubro do ano passado e o segundo cedido para teste em abril. Assim, fiquei em posição privilegiada para responder à pergunta que não quer calar: qual deles é o melhor?

Sinto frustrar o leitor. Minha resposta, como a de tantos outros, é: depende. De cara, é possível notar certas características nos contendores:

- *O Zip serve para qualquer usuário de computador e é fortíssimo candidato a substituto do disquete. É a opção de quem quer facilidade de uso e portabilidade.*
- *O EZ, como todo SyQuest que se preza, torna-se uma extensão simbiótica do seu disco rígido interno, o que é uma aplicação algo distinta do seu concorrente. É o preferido de quem está mais preocupado com o desempenho, com a configuração do hardware e com o custo.*

Embora o preço de ambos os sistemas seja mais ou menos o mesmo, a relação custo por megabyte do EZ é vantajosa.

Quanto à disponibilidade, o sucesso inicial do Zip no ano passado foi tão espetacular que a Iomega simplesmente não atendeu à demanda – tanto que uma das minhas razões para comprar o SyQuest foi a impossibilidade de achar o Zip na época.

Quanto às diferenças de velocidade e tamanho, o veredito é como segue:

- *A tão falada diferença de capacidade dos dois formatos – 100Mb para o Zip versus 135Mb para o EZ – não representa tanto assim na vida real. A tendência do usuário não é encher os discos até a boca e sim classificá-los por assunto (Sistema, Programas 1, Programas 2, Movies 1, etc.). Quando tiver acumulado um gigabyte e meio em cartuchos removíveis, aí sim, vai começar a desejar que eles fossem um pouco maiores. Com isso, vamos parar no território de outra categoria, a dos drives removíveis de 1 gigabyte, inaugurada pelo Jaz, da Iomega. Mas é claro que alguém compra um drive de "apenas" 100 megas pensando no preço e não na capacidade, certo?*
- *O EZ é tão rápido que você pode rodar os seus programas direto a partir dele sem sentir diferença em relação ao HD do seu Mac. Sua velocidade é o dobro da do Zip, mas isso não quer dizer que este seja uma lesma. O Zip é muito mais rápido do que um drive de CD-ROM, por exemplo.*

Em tempo: apesar de ser mais lento, o Zip monta no Desktop mais depressa que o EZ.

Sobre a confiabilidade, nada a declarar. Nenhum cartucho apresentou defeito espontaneamente; um EZ que caiu de um metro de altura teve alguma dificuldade para ser aceito pelo drive logo após a queda, mas eventualmente ressuscitou e não causou problemas.

O que dizer da portabilidade? Carreguei os dois sistemas na mochila durante meses e concluí o seguinte: sim, o Zip é bem mais leve que o EZ, só que ambos são acompanhados de incômodas e pesadas fontes de alimentação. Não são tão portáteis como a propaganda insinua – mesmo porque as fotos dos anúncios nunca mostram essas detestáveis caixinhas pretas. O conector de força do EZ é tipo DIN e o do Zip é tipo "Walkman", ligeiramente mais confiável. O detalhe bizarro é que o Zip não tem chave de força. A robustez do feio EZ em contraste com o delicado Zip conta muito ao jogá-los no meio da bagagem.

No aspecto estético, comparar o EZ Drive ao Zip Drive é como comparar um Fusca a um BMW. A elegante caixa do Zip é de plástico azulado, modelada em torno do disco e com uma janela transparente. A caixa do SyQuest é um chassi metálico envolvido por uma cobertura de plástico cinza, de aspecto industrial e gosto discutível. Por toda parte se nota que, enquanto cada detalhe do Zip foi projetado para agradar ao público leigo/doméstico, o drive da SyQuest é previsível e excessivamente "técnico". Quanto ao tira-e-põe dos cartuchos, o EZ Drive é simplesmente um saco para remover os discos. É necessário virar uma precária alavanquinha e puxar o cartucho com as pontinhas dos dedos. Já o Zip Drive ejeta vigorosamente os discos, exatamente como o drive de disquete do Mac.

Sobre a conexão:

- *O EZ é conectado ao Mac por um desajeitado cabo SCSI com conectores de 50 pinos. Na traseira do drive existe uma chavinha para escolher à vontade o número que ele ocupa na cadeia de dispositivos. Se for o último (ou único) dispositivo, é necessário plugar no conector que ficou aberto um terminador passivo – isso mesmo, aquela pecinha que você esqueceu de pedir para o fornecedor na hora de retirar a encomenda.*



Todos torcem para que a balança pese para um dos dois lados.

ZIP OU EZ – QUEM É MAIS RÁPIDO?	
HD Quantum 230 Mb	1,0
Zip 100	0,6
EZ 135	1,3

Testes de benchmark feitos com o Speedometer 4.0 e cache de disco de 128k. HD Quantum utilizado como base 1.

• O Zip é conectado por meio de um cabo especial com plugs de 25 pinos em ambas as extremidades – menor e mais leve, porém mais difícil de compatibilizar com os outros dispositivos. A terminação é embutida e a escolha do número na cadeia SCSI é limitada a 5 ou 6 – o que pode ser desvantajoso se o Macintosh já estiver ligado a uma porção de dispositivos.

Usei os dois e gostei dos dois. Para quem não tem nenhum drive externo, está com a grana curta e precisa escolher, recomendo o Zip primeiro, pela facilidade de uso, qualidade do design, suporte no enorme mercado PC doméstico e pela sua chance real de que "pegue" como o substituto do disquete. Embora a SyQuest não queira perceber, o EZ é um produto de perfil diferente e não compete exatamente no mesmo mercado; a despeito da sua superioridade combinada nos aspectos técnicos – capacidade, desempenho e custo – ele parece excessivamente preso ao nicho de profissionais gráficos ao qual a empresa está acostumada. Para ter apelo popular, mereceria uma remodelagem no mecanismo (maldita alavanquinha!) e na parte estética. (Tanto é assim que o anunciado SyJet promete ser uma cópia fiel do concorrente Jaz.)

Se o leitor é um profissional que se preocupa muito com a possibilidade do formato escolhido não "pegar", obrigando-o a ir ao bureau carregando o drive embaixo do braço, sugiro que use um SyQuest antigo de 88Mb – ou outro padrão facilmente encontrável – só para transportar os arquivos, e fique com o Zip ou EZ para backups. O tamanho menor, velocidade e baixo custo justificam.

Mario AV

Jaz

O novo ritmo do becape

Depois do sucesso retumbante do Zip Drive, a Iomega promete repetir a dose com o Jaz, um disco rígido removível de 1Gb. Na verdade, cada cartucho do Jaz traz dois discos rígidos de 500 Mb, uma tecnologia inédita, mas que, por incrível que pareça, funciona. Ou seja, o cartucho do Jaz é igual ou melhor que o seu Hard Disk, além de ser muito mais prático. Ele tem uma taxa de transferência de 6,73 Mb por segundo e um tempo de acesso de 10ms.

O Jaz era tudo que o pessoal que trabalha com vídeo e multimídia pedia a Deus. Um meio barato, rápido e seguro de transportar grandes arquivos de um lado para o outro.

O preço do produto no Brasil deve variar bastante, principalmente porque a Iomega está licenciado suas tecnologias para outras empresas venderem aparelhos Zip e Jaz com suas próprias marcas. Em breve você vai começar a ver em feiras de informática Zip drives com a marca Epson. É possível também que até o final do ano a Apple lance um modelo de Mac com Zip embutido.

A Controle, representante da Iomega no Brasil, já está vendendo a versão interna do Jaz, ao preço de R$ 1.249. A versão externa deverá estar disponível no país a partir do segundo semestre, por R$ 1.499. O cartucho está custando R$ 299. Já a União Digital, possui uma versão externa do Jaz no Brasil, vendido sob a marca Micronet, ao preço de R$ 1.100.

A SyQuest já prometeu entrar na briga, com um produto chamado SyJet, com previsão de lançamento para o segundo semestre. A SyQuest, aliás, é quem tem mais sofrido com a mudança de padrão de armazenamento dos últimos tempos. Com o lançamento do EZ Drive, as vendas dos modelos mais caros de SyQuest caiu vertiginosamente, gerando um prejuízo de quase US$ 80 milhões para a empresa no último semestre. Vamos ver se ela consegue recuperar o terreno perdido com o lançamento do SyJet.

Gravadores de CD-ROM

Porque os cartuchos não são eternos

Um gravador de CD, até bem pouco tempo atrás, era o objeto de desejo apenas de produtores de multimídia. Afinal, apesar da mídia ser uma das mais baratas (Um pacote com 10 compact disks virgens custa cerca de R$ 99) o preço dos gravadores era alto.

Acontece que nada evoluiu mais rápido nos últimos tempos que a velocidade dos CD-ROMs. Enquanto há pouco mais de um ano o padrão eram os CD-ROMs de dupla velocidade, hoje já estão aparecendo os primeiros de sêxtupla velocidade e tem gente já falando em óctupla.

Por isso, os pobres mortais podem hoje comprar um gravadorzinho de CD de dupla velocidade, com taxa de transferência de 150ms, como o Micronet MCD-Plus (R$ 2.052), o Pinnacle RCD 5040 (R$ 2.523) ou o Optima Diskovery (R$ 2.500). Este, por sinal, é o primeiro gravador de CD-ROM a permitir gravação por drag & drop.

Com um aparelhinho destes é possível, a um custo baixo, fazer becape de seus arquivos ou queimar seu próprio CD de áudio ou multimídia em casa.

E para aqueles que consideram seus dados a coisa mais valiosa que existe, nada como poder gravá-los em uma mídia duradoura, como o CD-ROM.



DataDock

Levando o HD para passear

Se você trabalha com grandes arquivos (grande, nesse caso, é de 1Gbyte pra cima) que precisam ser freqüentemente transportados de um lado para o outro, esta é a solução.

O DataDock, fabricado pela Micronet, acaba com a necessidade de se meter atrás do Mac para despuglar cabos SCSI e fontes de força. Basta jogar o ícone do disco no lixo, puxar o HD do DataDock e sair correndo com ele.

O DataDock pode ser comprado com um ou dois discos de 2 Gb. Para quem precisa lidar com vários tipos de mídia, ele também é uma boa pedida. Você pode intercambiar facilmente os



Queime seus próprios CDs com essas belezinhas

HDs por discos ópticos, cartuchos SyQuest ou fitas DAT.
O DataDock é indicado principalmente para projetos que envolvem grande demanda e fluxo de informações digitais de áudio, vídeo e aplicações gráficas. O equipamento opera por intermédio de Fast SCSI–2 ou Wide SCSI–2, chegando a taxas de transferências de até 29Mb por segundo. Custa R$5.025 (com dois módulos de 2Gb cada), sem ICMS. O gabinete para apenas um periférico, o DataDock Express, custa R$ 2.344.

Tower 7

Becape na torre

Se você acha que um CD-ROM é pouco, que tal sete? A Tower7-Mac, da Luxdata, é uma torre acionadora de CD-ROM que permite ligar até 7 CD-ROMs de velocidade quádrupla ou sêxtupla em um mesmo Mac. Desenhada para abrigar até 4,5 Gigabytes de informação, a torre pode ser acoplada a servidores de rede e ocupar apenas um ID na cadeia SCSI. O Tower7 é indicado para empresas que precisem compartilhar grandes volumes de dados em rede ou para desenvolvedores de software testarem seus produtos.
O controle do equipamento pelo servidor é feito através do software SCSI Director Pro, que permite acesso simultâneo aos discos. O equipamento suporta vários formatos de CD-ROMs, como o Photo-CD da Kodak, HFS, ISO 9660, além de ter software nativo para Power Mac. O modelo de sêxtupla velocidade custa R$ 7.080 sem ICMS.



O Tower 7 é para os que não se contentam com pouco.

ONDE ENCONTRAR

União Digital (DataDock, Micronet, Jaz): (011) 5514–3355
Luxdata (Tower7): (011) 535–4293
Hurpia (Pinnacle): (011) 570-9594
Controle (Zip, Jaz): (011) 883-3355
EMJ (Syquest, EZ-Drive): (011) 725-6888
MGO(Optima Diskovery, Syquest): (011) 725-3381
Polaroid (SyQuest, EZ Drive): (011) 284-2177

Desejos Gráficos

Porque sonhar é o trabalho do artista

E os artistas gráficos sonham mais que qualquer um. Sonham com tablets, scanners, impressoras. E uma máquina que rode filtros do Photoshop instantaneamente.

Tablet ArtZ II

A volta da caneta

Esqueça os mouses, trackballs, trackpads e outras bugigangas. Para desenhar, o ó do borogodó é um tablet com caneta sensível à pressão. Custando R$ 599, a ArtZ II é tudo que um ilustrador precisa para se sentir desenhando à mão livre dentro do Mac. Ela tem até o requinte de trazer uma "borracha virtual", uma ponta sensível à pressão na parte posterior da caneta que apaga seu desenho.
Outros modelos que também podem ser encontrados são os tablets da Calcomp, distribuída no Brasil pela Smar.
Na opinião do ilustrador Osvaldo Pavanelli, "o tablet é indispensável para se conseguir reproduzir no computador a espontaneidade e expressão gestual do traço à mão livre. Tudo nele é ajustável. O único problema é que ele exige muito mais coordenação fina do que o mouse. É preciso ter paciência e se reeducar até conseguir atingir o resultado desejado".

Os deuses juntaram uma alma angelical a um corpo diabolicamente perfeito. O tablet assina embaixo.



Epson Stylus ProXL

Botando seu sonho no papel

A impressora dos sonhos de qualquer artista gráfico é aquela que imprime 20 páginas coloridas com qualidade fotográfica em papel comum, tamanho A1 e se transforma em uma top-model depois das duas da manhã.
Como ainda não inventaram esse modelo, o jeito é se virar com o que existe no mercado. Para o pessoal de artes gráficas, a necessidade principal é o tamanho. Uma impressora A4 não faz verão, por maior que seja a qualidade de impressão. Como uma impressão colorida dificilmente pode ser utilizada como prova de cor, o importante é que o layout esteja do tamanho certo e não com as bordas cortadas, como é comum nas impressoras A4. Entre as impressoras A3 disponíveis no mercado, uma que apresenta uma boa relação custo/benefício é a Stylus Pro XL, da Epson. É uma jato-de-tinta com uma definição de 720 dpi, com uma qualidade de impressão capaz de passar por dye-sublimation para os menos avisados. O único problema é a velocidade de impressão, que já é lenta na Stylus A3 e chega a níveis zen-budistas na Pro XL. O preço ao consumidor é R$ 3.499.



A Stylus tem charme e preço.

Tektronix Phaser 550

Uma impressora na Net

Uma impressora laser colorida é o objeto de desejo de qualquer pessoa que trabalhe com cor. Imprime em qualquer papel, com rapidez e uma qualidade que impressiona qualquer cliente.
Até bem pouco tempo atrás, se fosse preciso escolher uma impressora laser colorida, sem dúvida a indicada seria a Apple Color LaserWriter (R$ 10.999). Com uma fidelidade de cor excepcional e muito fácil de usar, ela foi um sucesso de vendas desde seu lançamento, em meados de 95.
Mas o mundo e a tecnologia não param. Hoje, a melhor pedida é a Phaser 550, da Tektronix. Com uma resolução maior que a da Apple, ela tem algumas vantagens: é menor, mais rápida e mais fácil de manusear.
No mundo das impressoras, novos modelos significam geralmente apenas mais qualidade de impressão e rapidez, raramente mostrando alguma novidade tecnológica realmente impactante. Não é o caso da Phaser 550. Seu software de configuração e impressão, o PhaserLink, tem uma interface escrita totalmente em HTML, o que a torna a primeira impressora capaz de ser acessada via Internet.
De qualquer lugar do mundo, basta digitar o endereço IP e a senha de uma determinada Phaser 550 para acessar, através de um browser, seu menu de impressão e enviar as páginas a serem impressas.
A Phaser 550 é uma laser colorida, com capacidade para cinco páginas coloridas ou catorze páginas monocromáticas por minuto, tecnologia laser de impressão de até 1200x1200 dpi e é compatível com PostScript Nível II.
A nova impressora da Tektronix é destinada a empresas que demandem um alto volume de impressões coloridas e preto-e-branco. Seu preço no Brasil é de R$ 14 mil.

Plotters

Impressões quilométricas

Até bem pouco tempo atrás, plotters eram sinônimo de plantas e trabalhos de arquitetura. Só que a adoção da tecnologia de jato-de-tinta melhorou tanto a qualidade e rapidez dessas impressoras gigantes que hoje qualquer artista gráfico fica tentado a ter uma para se tornar o Diogo Rivera da era digital.

Destacamos três modelos: a DesignJet 750C (R$ 11.500), da Hewllet-Packard, a TechJet 175i (R$ 14.000), da Calcomp e a Océ 5100C (R$11.500).

A DesignJet 750C possui kits opcionais para conexão com Mac e de upgrade para PostScript nível 2. Imprime em 600 dpi em preto e 300 dpi em cores sobre vários tipos de papel. Tem modelos para formatos A0 e A1.

A Océ 5100C utiliza a tecnologia Bubble Inkjet, com resolução de 360 dpi para imagens coloridas e 720 dpi para impressões monocromáticas, em tamanhos A1 e A0.

A TechJet 175i tem resolução de 720 dpi (preto e branco) e 360 dpi (cor) e imprime em tamanho A0. Sua grande novidade é o dock para os cartuchos de tinta, que ficam do lado de fora da impressora. Dessa forma, os cartuchos podem ser trocados enquanto a plotter imprime.



Convencido, o Topaz diz que faz de tudo.

Scanner Topaz

Trabalha sozinho

Quem não pode ser o maior, tem que ser o mais fácil. O Topaz Robô não é o scanner mais poderoso do mundo. A própria Linotype-Hell tem um modelo superor, o ChromaGraph S2000. Mas o Topaz ganha muitos pontos graças a sua capacidade de automação. Nada como um scanner que trabalha sozinho, escaneia 150 originais em uma noite, faz correção automática de cores, com uma produtividade de 20 slides de 35mm por hora e resolução de até 9.000 dpi. O Topaz aceita qualquer tipo de original, opacos ou transparentes, coloridos ou P&B, positivo ou negativo. Pode até escanear objetos tridimensionais de até 2cm de altura. Custa a bagatela de US$ 49.000/FOB EUA.



A plotter da HP perde o fôlego diante dessa impressão deliciosa da Natureza.



DocuColor 40

Tenha sua própria gráfica particular

A impressão digital não é mais o futuro das gráficas. É o presente. A DocuColor 40, da Xerox, é a última novidade no mundo das gráficas rápidas. Sem fotolitos, sem chapa, ela imprime 40 páginas A4 coloridas por minuto ou 30 frente e verso por minuto.

Ao preço de US$ 205 mil (incluindo um sistema front end digital da Scitex, o SX 1000 Pro/D), a DocuColor é uma barganha. Basta ver o preço da concorrente mais próxima, a E-Print, da Indigo, ao redor dos US$ 500 mil.

A Xerox indica a DocuColor para empresas que necessitem de uma máquina para imprimir folhetos, brochuras, catálogos ou manuais coloridos em uma escala de 20 mil cópias mensais.



Você pode não acreditar, mas tem muita gente que acha a DocuColor 40 um tesão.



Formas perfeitas numa pele morena exigem cores calibradas. Espera aí! Acho que falta um monitor.

Grandes Monitores

Transforme seu Mac em um cinema

Um monitor de grandes dimensões não é objeto de desejo apenas de artistas gráficos. Produtores de multimídia, editores de vídeo, pilotos de FA/18, quem não gostaria de ter um aquário desses? Damos, aqui, três opções de modelos, com preços e características diferentes, mas todos de excelente qualidade.

O Goldstar 2010 (R$ 2.730) alcança resolução de até 1.152 x 870 pixels, com tela anti-reflexiva e dot pitch de 28. Se você já possui um monitor Apple de 17 polegadas, não irá estranhar nem um pouco o monitor da Goldstar que fabrica o monitor da Apple em regime de OEM.

O Philips 21" Autoscan Cyberscreen(R$ 5.420) permite resoluções até 1600 x 1200 pixels, tem tela plana com tratamento antiestática e anti-reflexo e dot pitch de 0.28mm. Ele é facilmente configurável, com controles geométricos digitais, 12 settings de fábrica e nove ajustáveis pelo usuário. Para ajudar, um display de LCD mostra indicações de ajuste e avisa se alguma coisa está errada. Os ajustes separados das cores RGB permite uma fácil adequação do monitor a provas coloridas e o tratamento da tela diminui sensivelmente os reflexos, tornando a operação por tempo prolongado menos cansativo.

O modelo Sony GDM20se (R$ 3.500) tem resolução de até 1280 x 1024 pixels, tubo Trinitron e controles de temperatura de cor, matiz e saturação. A combinação da tecnologia de tela plana Trinitron com o Aperture Grill reduz distorções de imagens e reflexos, além de produzir imagens incrivelmente brilhantes e nítidas.

ONDE ENCONTRAR

Epson (Stylus Pro XL): (011) 536-0300
Offshore (Goldstar): (011) 822-2336
Gutenberg (Topaz): (011) 250-4400
Marathon (Wacom): (011) 853-3266
MGO (plotters OCÉ, HP): (011) 725-3381
Philips: 0800 123-123
Smar & Calcomp (plotters e tablets): (016) 642-3599
Sony: (011) 824-6500
Tektronix: (011) 3741-8568
Xerox: (021) 271-1275

Videobjetos

Desejos a 30 quadros por segundo na tela de um Mac



"Em matéria de sonhos para Desktop Video, a plataforma Mac é o próprio Sandman. Através dela surgem objetos do desejo para todos os níveis de fantasia. Vale sonhar com desde uma simples placa de vídeo até um puta sistema completo de edição e efeitos, tudo com qualidade broadcast. E já que são sonhos, só resta torcer para, pelo menos algum deles, virar realidade.

MiroMotion DC20

Qualidade e bom preço

O primeiro sonho é para os que sonham baixo, numa perspectiva de realização mais segura. Ou seja, uma simples placa PCI para captura e compressão de vídeo. Tudo bem baratinho. Nesse caso, seu objeto do desejo será a alemã MiroMotion DC20, que eu vi funcionando na NAB96 (veja matéria nesta edição). Distribuída no Brasil pela CAD Technology, ao preço de R$ 1.995 (todos os impostos inclusos), a Miro DC20 oferece input/output de vídeo composto e componente (Y/C), imagens 640x480, 60 campos por segundo, com compressão M-JPEG de até 5:1 / 3.5 Mb/segundo, tudo em tempo real. Após o comando "make movie" do Adobe Premiere, a placa rendera apenas as imagens com filtros e efeitos. Acompanham-na as versões limitadas dos softwares Adobe Premiere e Adobe Photoshop.

MCXpress

Um Avid a preço de ocasião

O segundo objeto de desejo do desktop video é um sistema da, adivinhem... da Avid, claro. É o MCXpress, um novo sistema totalmente aberto para edição não-linear. Ele vem num bundle de software e placa (menos de US$15.000/FOB EUA) ou na configuração completa com CPU e acessórios (em torno de US$29.000/FOB EUA). O software é praticamente o mesmo dos famosos e caros Media Composer.

O MCXpress, além da alta qualidade da imagem (tem até AVR75 – compressão 3:1: como opcional), traz recursos suficientes tanto para preparar um projeto para um Avid Media Composer sofisticado como para um projeto final, seja para vídeo ou multimídia. Entre seu recursos estão o Codec QuickTime, batch digitizing, duas ou quatro trilhas de vídeo e oito de áudio, EDL, tratamento de áudio em real-time (EQ/rubberband), imagens 720 pixels (CCIR-601), formato de arquivo OMF, transições e efeitos especiais.

StrataSphere

Do cubo à esfera

E agora, para os alucinados, vamos de StrataSphere, o mais poderoso sistema entre os lançados pela ImMIX na última NAB. Ele possui o equivalente a 4 canais de vídeo (cada um dos dois canais tem um canal alfa próprio) em compressão 3:1 e consegue compor até 50 camadas de imagem sem perda de integridade do sinal, apenas adicionando novas trilhas de vídeo.

O StrataSphere (US$69.500 completo/versão básica) foi idealizado para ser uma poderosa workstation de finalização de vídeo e, por isso, conta com a possibilidade de ser integrado à tecnologia da Abekas através da opção DveousFX, adicionando os recursos UltraWarpe SurfaceFX, com efeitos 3D, texturas e duas fontes de luz independentes."

João Velho



Infelizmente, o StrataSphere não vem com essa estante.

Desejos Internéticos

Como acordar do pesadelo das conexões no Brasil

Cybermaníacos e fanáticos pela Internet brasileiros têm desejos que Papai Noel nenhum poderia trazer. Uma linha T3, conexões ISDN, maior largura de banda, a privatização da Embratel... os desejos da tribo online se resumem em um pedido: uma conexão melhor. Não adianta ter o modem mais poderoso do universo se o gargalo do acesso continua enroscado.

Para eles, escolhemos a dedo um equipamento de outro mundo: o Planet 1, o primeiro sistema de comunicação pessoal via satélite. Um pouco maior que um PowerBook, pesando menos de três quilos, o Planet 1 é exatamente isso: seu satélite particular. A própria tampa do Planet 1 é uma antena, ligada aos satélites InmarSat. O produto custa US$ 3.000 nos EUA e deverá estar sendo vendido no Brasil no segundo semestre.

Com o Planet 1 será possível fazer ligações para qualquer lugar do mundo pagando US$ 3 por minuto. Ele é indicado para quem precisa fazer ligações em locais isolados, como jornalistas de guerra ou geólogos. A taxa de transferência de dados é baixa: 4.800bps. Mas para quem está no meio da selva amazônica ou na Bósnia, é mais que o suficiente. M

HEINAR MARACY

Editor de texto da MACMANIA. Seu objeto de desejo é uma casinha no campo, com um quintalzinho, um pomarzinho, um powermaquezinho, uma parabolicazinha, uma piscininha, um jatinho, um iatinho...

Fotos: VLADIMIR FERNANDES
Make-up: ROBERTA - FIRST



O satélite no céu e o Planet 1 na terra. Precisa mais?

ONDE ENCONTRAR

CAD Technology (MiroMotion DC20): (011) 829-8257
Phase (StrataSphere): (021) 580-5688
Crosspoint: (011) 828-9647
Comsat: (011) 5505-2705

LUGAR DE MACMANÍACO É NA WEB!

Ache a sua turma dentro da Internet

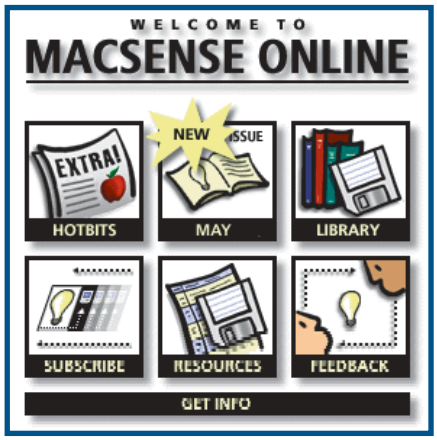
O usuário de Macintosh é uma ilha. Esse é um dos chavões mais ouvidos por quem está pensando em comprar um Mac. Afinal, uma plataforma que não tem nem 10% do mercado (no Brasil, nem 3%) faz qualquer um se sentir sozinho dentro da multidão windowzista que anda por aí, certo? Não se o usuário em questão possui acesso à Internet. Menos de 10% do mercado parece pouca coisa, mas quando se fala em escala mundial, isso significa um universo de mais de 30 milhões de usuários. Pela Internet, o usuário de Mac pode "encontrar sua turma", baixar demos e softwares *shareware*, atualizações de programas e conhecer as últimas novidades da sua plataforma favorita.

A Web abriga uma infinidade de páginas organizadas por empresas que trabalham com softwares para Macintosh, publicações especializadas na plataforma, grupos de usuários e até por usuários particulares que costumam fazer listas enormes dos melhores *sites* de Mac.

A primeira parada do usuário de Mac na Internet deve ser, é óbvio, o *site* da Apple. É o melhor lugar para se conseguir *updates* do sistema, drives de impressoras e saber das últimas novidades oficiais. Você sabe que está diante de um macmaníaco legítimo quando encontra alguém que mudou os *preferences* do *browser* para abrir direto na página da Apple.

Mas é claro que o melhor mesmo são as novidades não oficiais. O que não falta na Internet são fofocas sobre futuros modelos de Mac, versões betas de programas que prometem revolucionar a maneira como você usa o computador e dicas quentes para aumentar a produtividade de quem trabalha com Mac.

Uma página que não pode faltar no *bookmark* de qualquer macmaníaco descolado é a Ambrosia Café. Ela é administrada pela Ambrosia Software, empresa que criou programas comerciais e *shareware* de grande sucesso, como o game "Chiral" e o screen-saver "Eclipse".



Isso não é pau de Quark, é um Gif entrelaçado

Além de poder retirar os softwares da empresa, você tem acesso a uma lista de *sites* de games para Mac, revistas eletrônicas sobre multimídia e Internet e um jornal diário, só com notícias sobre o mudo Mac, o MacinStuff Times.

Interessados em notícias quentes sobre a Apple, novos softwares, periféricos e clones de Mac, têm duas fontes imprescindíveis. Uma é a MacInTouch, página administrada pelo editor da revista MacWEEK, Rick LePage. A outra é a TidBITS Homepage, *site* de uma das mais antigas e conceituadas *newsletters* sobre Mac e Internet, administrada por Adam Engst.

O ingrediente principal das páginas criadas por usuários entusiasmados como Macintosh é o chamado Mac Evangelismo. Nelas, não faltam argumentos e exemplos de como o Mac é uma plataforama melhor que o Windows. Algumas dessas páginas, como o Cult of Macintosh são veredadeiros bancos de dados sobre o Mac e são espelhadas em servidores pelo mundo inteiro.

Uma publicação *online* que merece também ser visitada é a MacToday Magazine. Nela é possível encontrar especificações técnicas e curiosidades sobre todos os modelos de computador fabricados pela Apple, desde o Apple II de duas décadas atrás até os mais novos Power Macs.

BBSs DE MAC

Uma espécie de "trampolim" para a Internet são os BBSs especializados em Mac, que já existem em São Paulo, Rio, Minas, Brasília e Curitiba.

Podendo ser acessados por qualquer programa de comunicação (como o "ClarisWorks"), eles são um bom caminho para o usuário novato ganhar experiência no mundo *online* antes de partir direto para a grande rede.

Seus administradores também fazem o "trabalho sujo" de passar horas na Internet para pegar um software importante e disponibilizá-lo para seus assinantes. M

ONDE ENCONTRAR

- **Aalok's Macintosh Things:** http://helios.augustana.edu/~kachaak/mac.html
- **Ambrosia Cafe:** http://www.AmbrosiaSW.com/Cafe.html
- **Andrew's Macintosh Index:** http://www.europa.com/~bubba/mac/appleindex.html
- **Cult of Macintosh:** http://cult-of-mac.utu.fi/
- **Everything Mac:** http://www.cs.brandeis.edu/~xray/mac.html
- **Jim Jacobson's Home Page:** http://www.nb.net/~jacobson
- **MacintoshOS.com:** http://www.MacintoshOS.com
- **MacInTouch Home Page:** http://www.macintouch.com
- **MacSense HotBits:** http://www.macsense.com/macsense/HotBits.html
- **MacToday Magazine:** http://www.avaloncity.com/MacToday/Febissue/default.html
- **Nathan's Everything Macintosh:** http://www.cs.brandeis.edu/~xray/mac.html#MUG
- **The Macintosh Page:** http://www.henge.com/~vspina/mac.html
- **The Online MacinStuff Times:** http://www.AmbrosiaSW.com/webstuff/mactimes.html
- **The ULTIMATE Macintosh:** http://www.freepress.com/~myee/ultimate_mac.html
- **The Well Connected Mac:** http://www.macfaq.com
- **TidBITS Home Page:** http://king.tidbits.com/default.html

BBS's DE MAC

CapsLink
Voz (011) 5505.1240
Dados (011)5505.2022

MacBBS
Voz (011) 867.8940
Dados (011) 816.0555

Express Line
Voz (021) 286.2456
Dados (021) 537.1534

Metalink
Voz (031) 442.5566
Dados (031) 220.6611

SuperBBS
Dados (011) 3061.5588

RioVirtual
Dados (021) 235.2906

OUVINDO MÚSICA NO TRABALHO

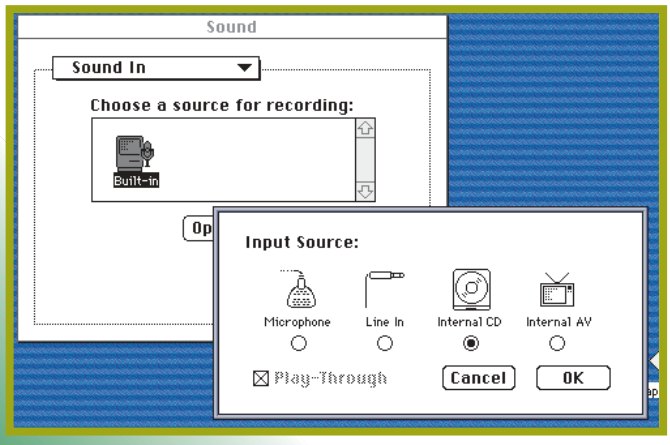
Veja porque o Mac é o CD-Player mais intuitivo que você já teve

Colocamos as coisas nos seus devidos lugares. Transformar o Macintosh num estúdio de som é tarefa daqueles que trabalham com áudio profissional. Mas, afinal, se você investiu uma bela grana em uma máquina multimídia como o Mac, por que não deixar a ortodoxia de lado e misturar um pouco de trabalho e prazer?

Nada como trabalhar ouvindo uma musiquinha e, nesse aspecto, o Mac dá de dez em qualquer um. É só colocar seu CD predileto no drive e mandar ver. Claro que existem vários macetes para se conhecer, antes de executar aquele disco de thrash metal (para acalmar, é claro), que podem tornar sua música ambiente mais agradável. E aqui estão eles:

INTERNO OU EXTERNO

A coisa difere bastante se você tem um CD-ROM interno ou externo. Se for interno, é bico! Primeiro verifique se você tem as seguintes extensões dentro da pasta Extensions no System Folder: *Audio CD Access, Apple CD-ROM, Foreign File Access, ISO 9660 File Access* e *High Sierra*. A primeira é especificamente para se tocar CDs de áudio. A segunda, para se operar o CD-ROM. A terceira, para se ter acesso às trilhas. A quarta e a quinta, para se operar CD-ROMs de PCs. No final das contas, você só precisa das três primeiras para ouvir CDs de áudio, mas é sempre bom ter todas instaladas.



Se você clica no CD e ele não toca, dê uma olhada no Control Panel Sound



Peça para o Mac tocar apenas algumas músicas

Verifique também se você tem no seu menu Apple o programinha *AppleCD Audio Player*. Positivo? Sigamos para o próximo passo: configurar o *control panel* Sound. No menu *pop-up*, escolha *Sound In*, e depois clique no botão onde está escrito *Internal CD*. Feito isso, feche o Control Panel e insira o seu CD de áudio preferido. Abra o programa *AppleCD Audio Player* e pronto! Basta dar o *play* e escutar. As instruções de programação vêm logo em seguida.

Se você possui um CD-ROM externo, vai precisar, além das extensões acima, de um cabo especial. O cabo deve ter em uma extremidade conectores RCA (aquele em que um dos conectores é branco e o outro vermelho) e na outra, um pino daqueles iguais aos *headphones* convencionais. Plugue os conectores RCA na traseira do seu CD-ROM nos seus respectivos lugares (indicados pela cor) e o pino da outra extremidade na entrada do microfone na traseira do seu Mac.

Feito isso, vá para o *control panel* Sound e entre as opções de *Sound In*, escolha *Microphone*. Feche o *control panel*. Coloque seu CD de áudio e abra o programa *AppleCD Audio Player*. Clique em *Play* com o mouse e ouça o CD, que sairá pelos falantes internos do Macintosh. Uma alternativa mais simples é colocar um *headphone* na entrada correspondente do CD-ROM.

TRUQUES DE TECLADO

Agora vêm as dicas quentes para se operar o AppleCD Audio Player. Com elas, você praticamente pode operar seu CD sem tirar as mãos do teclado. As principais são:

- As setas de ← e → retrocedem e avançam uma faixa no CD.
- As teclas ↑ e ↓ aumentam e reduzem o volume.
- O menu *pop-up* vai direto a uma faixa escolhida.
- A tecla Delete pára a música, correspondendo à tecla *Stop*.
- A barra de espaço aciona *Play/Pause*.
- O botão ao lado de "Prog" aciona o *autoplay*, que deixa o CD tocando eternamente.
- ⌘-E ejeta o CD do drive.
- O reloginho que fica perto do *timer* varia os modos de ver o tempo das faixas.
- Para dar nome às faixas do CD (e ao próprio CD), escolha a seleção com o mouse e digite o nome da faixa.
- Para mudar a seleção, pressione tab ou return (para mover para baixo), ou Shift+Tab (para mover para cima).
- Para programar a ordem para audição das faixas do CD, clique em "prog" e arraste com o mouse o nome das faixas da coluna da esquerda para a coluna da direita. Existe coisa mais fácil?

Mas a coisa mais bem bolada do *AudioCD Player* é que ele lembra a programação feita pelo usuário para cada CD. Se você tiver a paciência de digitar o nome do CD e de todas as suas faixas no programa, quando colocar o CD novamente no Mac, seja amanhã ou daqui a um ano, ele vai mostrar o nome de todas as faixas e a ordem em que você gosta de ouvi-las. Está a anos-luz de qualquer tocador de CD no mercado. M

GUILHERME MARTINS
Macmaníaco convertido nos States, estudante de Letras na PUC, branco, alto, fumante e solteiro.

DECK II 2.1

Programa da OSC transforma seu Power Mac num gravador de doze pistas

Uma imagem vale mais do que mil palavras? Depende. Nesses tempos em que cada vez mais conceitos multimídia se tornam dominantes, palavras faladas, música, ruídos, ou qualquer coisa que podemos chamar de som passa a ser algo muito valioso. Todo macmaníaco percebe isso quando um quack sai do alto falante da CPU. Para quem quer mexer com áudio no Mac, as opções de edição são diversas, desde o primário Control Panel Sound até as mais sofisticadas placas de digitalização de uso profissional.

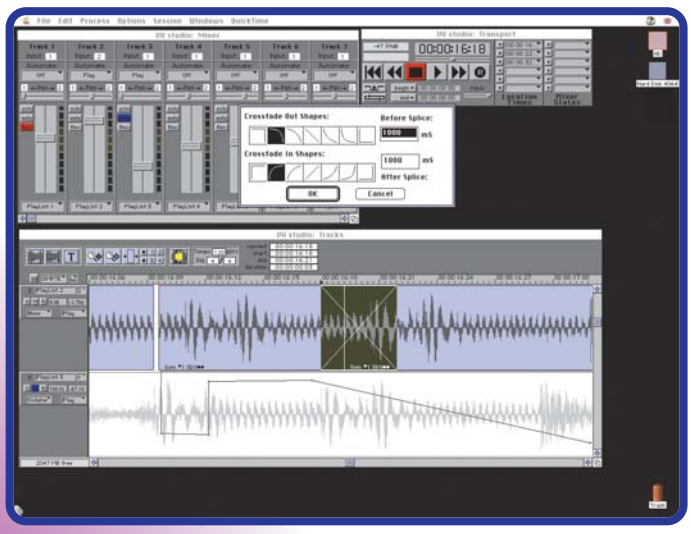
Entra em cena o Deck II, uma nova geração do primeiro software criado para controlar as placas da Digidesign, dedicadas a edição digital de áudio. Só que agora com a opção de trabalhar com áudio sem nenhum hardware adicional, em Macs AV e Power Macs.

O Deck II simula o *layout* de uma mesa de gravação incorporada a um gravador e a um sequenciador MIDI. Traz todas as vantagens de edição, automação do movimento dos *faders* de volume e pan, botões de mute e solo.

O áudio gravado pode ser disposto em trilhas horizontais, numa linha de tempo, sob a forma do desenho da onda sonora. Cada região de áudio pode ser cortada, invertida, normalizada ou deslocada livremente na linha de tempo. O número de trilhas sobrepostas é ilimitado, porém a reprodução é restrita, dependendo da interface utilizada. No caso da placa Pro Tools I o limite é de no máximo quatro regiões de áudio simultâneas (para quem é do ramo, são quatro canais reais e ilimitados, virtuais). Isso significa que é possível gravar a trilha de um determinado intrumento quantas vezes quiser (desde que o seu HD tiver espaço) e depois escolher a boa, ou ainda editar trechos de gravações diferentes, sem ter de apagar as outras. Caso haja a necessidade de mais trilhas simultâneas, simplesmente pode-se mixar as já existentes no próprio HD e reduzi-las a uma, abrindo espaço para outras. É recomendável o uso de um segundo HD, independente daquele onde está o System, para alocar os dados referentes ao áudio digitalizado.



Com o Deck II, sonorizar um filme ou comercial de TV ficou sopa no mel



Para quem já está acostumado com uma mesa de gravação, fica fácil

Utilizando a potência total do programa (e se a sua CPU suportar) é possível executar uma sequência de eventos MIDI simultaneamente a quatro trilhas de áudio em sincronia com um vídeo QuickTime. Nunca foi tão fácil sonorizar um filme. O controle do ponteiro da linha de tempo das trilhas permite o acesso não linear a qualquer ponto do filme com os respectivos eventos de áudio e MIDI. Se o áudio está fora de sincronismo com o vídeo, basta arrastá-lo na linha de tempo até encontrar o ponto exato. Na janela de transporte (com os convencionais controles de Play, Stop, Rec, FF e Rew) existe a possibilidade de designar acesso direto em até seis pontos da linha de tempo, facilitando a automação de gravações em pontos específicos de entrada e saída.

A capacidade de manipulação dos eventos MIDI é bem limitada. A melhor opção é importar um arquivo MIDI previamente criado e editado num sequenciador dedicado.

Quem só teve contato com mixagens analógicas vai se refestelar com as facilidades oferecidas: imagine gravar em tempo real o movimento do *fader* de volume ou de *pan* e depois editá-lo num gráfico de volume sobre o própio desenho da onda. Outra mágica são os *fades* automáticos; basta selecionar uma região de áudio e aplicar um dos sete tipos de fades pré-estabelecidos. No final, tem-se uma

reprodução exata da mixagem que pode ser tanto reduzida a duas trilhas (estéreo) no HD, quanto reproduzida analogicamente pela saída de áudio.

Mas não se iluda, a qualidade da entrada e saída do áudio vai depender da interface utilizada: placas AV são exclusivamente analógicas e não balanceadas, outras interfaces, como a placa ProTools da Digidesign, possuem entradas digitais nos padrões AES/EBU e SP/DIF, além de analógicas balanceadas. É a interface que faz a conversão da fonte sonora analógica para a digital e digital para a analógica, o que determina em grande parte a qualidade do produto final. Isto quer dizer que para a produção de multimídia, uma placa AV dá conta do recado, mas para obter um resultado satisfatório em gravação e finalização de um CD de áudio, é necessário um equipamento mais sofisticado.

Utilizamos o Deck II para controlar duas dessas placas. A primeira foi o Pro Tools I instalado num CI. Por um lado perdemos quase totalmente a vantagem de sincronismo com o QuickTime, que passou a ser reproduzido em torno de um frame por segundo em decorrência da lentidão da CPU. Nesse caso, a solução foi sincronizar o sistema com uma máquina de vídeo externa que passou a controlar o Deck II via SMPTE. Por outro lado, ganhamos a qualidade de conversão A/D D/A, e a possibilidade de entrar e sair com o sinal digital independente do analógico (para um DAT por exemplo).

A outra foi uma placa AV instalada num Power Mac 8500. O desempenho do programa foi maravilhoso, exceto dois problemas: um pequeno e um grande. O pequeno é a já comentada baixa qualidade da placa AV analógica e não balanceada. E o grande foi a impossibilidade de usar a porta de entrada da placa AV para gravar o áudio analógico; em outras palavras o módulo de gravação não funcionou. Para realizar os testes, utilizamos um outro programa (Sound Edit), na mesma CPU, para gravar o áudio.

Alguns bugs foram encontrados, por exemplo ao tentar carregar um arquivo no formato AIFF através do comando *<<Add Audio to Clipboard>>* o que travou todo o sistema. Ou ainda uma mensagem bem extensa logo depois de clicar o *play*, algo do tipo *"assertion failed..."*.

Apesar desses e outros bugs a serem eliminados, o Deck II promete ser uma saída razoável tanto para os usuários que querem produzir áudio para filmes e multimídia, quanto para os que querem um estúdio de música digital dentro do Mac, sempre levando em consideração que o resultado final depende da qualidade da placa a ser utilizada. **M**

CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DE SOFTWARES

Intuitividade: Até onde você pode ir sem o manual.
Interface: A cara do programa. O jeito com que ele se comunica com o usuário.
Poder: O quanto o programa se aprofunda em sua função.
Diversão: Só para games, dispensa explicações.
Custo/Benefício: Veja aqui se o programa vale o quanto pesa.

ALVARO FARIA
Músico e diretor do V.U. Studio, especializado em trilhas para propaganda.

DECK II
OSC
Multisoluções: (011) 816-6355
Configuração: Mac AV ou Power Mac, 16 Mb de RAM e 1Gb de disco.
Preço: R$ 399,00

Intuitividade:
Interface:
Poder:
Custo/Benefício:

por Carlos Witte

IMPRESSÃO EM GRANDES FORMATOS

A nova onda dos bureaus é imprimir posters direto do Mac

Para quem acha que o papel A3 é muito pequeno para o seu talento (ou talvez para o seu ego), já existe uma solução no mercado que está virando moda. Ou ainda, imagine só: que tal ao invés de vasculhar inferninhos em busca de um bonito poster para a parede de seu quarto, por que não fazê-lo você mesmo no seu Macintosh?

Estamos falando de um novo conceito que está chegando ao Brasil, o próximo passo da impressão digital: grandes formatos, pequenas tiragens, full color. No Brasil, os bureaus de impressão começam a oferecer mais essa opção, usando *plotters* jatos-de-tinta e grandes impressoras eletrostáticas, como a Xerox X-8954, capaz de imprimir até 1,32 m de largura e comprimento "infinito". Existem outras, como a Display Maker ou mesmo as *plotters* da HP, que, com a tecnologia jato-de-tinta e uma boa placa PostScript, funcionam exatamente como uma impressora comum. Além dessas, menos comuns no mercado brasileiro, existem as impressoras Iris, da Scitex – impressões mais caras mas de melhor qualidade, comparáveis a uma prova de Cromalin – e as *plotters* da Calcomp, dentre as mais famosas.



É claro que, fazendo a relação com os preços de mercado de uma impressão digital colorida A3, dá pra adivinhar que o custo dessas impressões não é nada que se possa chamar de "módico". Uma folha impressa de 1,3m x 1m custa de R$ 150 a R$ 200. Como tradicionalmente acontece com a impressão digital, a impressão em grandes formatos vem preencher um nicho de mercado muito específico. Afinal, nessa área de grandes formatos não há concorrência possível com a tecnologia *off-set* tradicional. A única alternativa é o velho e melequento *silk-screen.*

SEM CONCORRÊNCIA

O mercado dessas impressoras é esse mesmo: cartazes em estandes de feiras, brindes, displays de promoções em lojas, shoppings e artistas gráficos que trabalham no computador. O que todos têm em comum é a necessidade de baixa quantidade com boa qualidade a um preço razoável. *Off-set* não tem jeito, só justificaria se fosse uma alta quantidade. Do contrário, nem o custo do fotolito seria justificado. O *silk-screen*, ok, mas a qualidade, principalmente o registro, não é aquela maravilha.

Então nos resta recorrer a um bureau e estar disposto a gastar uma centena de reais por uma boa impressão em grande formato. Sim, é caro, principalmente porque entre o botão Print do Mac e a folha que você leva para casa costuma existir pelo menos meia hora até gerar a impressão. Além disso, algumas dessas printers consomem quantidades mostruosas de tinta. E para aumentar a soma ainda mais, elas estão limitadas a alguns papéis especiais, como o *glossy paper,* que costuma ser usado nas impressoras jatos-de-tinta de mesa, um papel mais caro e refinado.

As plotters eletrostáticas imprimem em vários tipos de papel e superfícies. A única restrição é o estoque disponível nos bureaus, pois os papéis vem em bobinas e não em folhas soltas. Alguns bureaus oferecem serviço de transfer térmico (semelhante a impressão de camisetas com impressoras térmicas) o que possibilita imprimir sobre vinil, lona, tecido, fórmica ou adesivo. Existe também o serviço de plastificação (os bureaus chamam esse serviço de laminação) que torna as impressões mais resistentes.

Como trabalhar com todas essas limitações é onde entra a engenharia. A maioria dessas impressoras tem resolução entre 200 e 400 dpi, sendo que o mais comum é 300 dpi. A Xerox 8954, por exemplo, utiliza um sistema de impressão de pontos translúcidos em camadas, em vez de lado a lado. Visualmente, a sensação é de uma resolução bem maior. A Iris, considerada a de melhor qualidade, é capaz de simular a resolução de 1800 dpi.

Interessados em adquirir uma plotter não precisam se restringir àquelas compatíveis com Macintosh. Existe um equipamento chamado Mac Plot Raster, fabricado pela Microspot e distribuído no Brasil pela MGO, que permite conectar qualquer plotter a um Mac. O conjunto de software e placa otimiza a velocidade e a qualidade de impressão e custa R$ 1.500, com a instalação.

MUITA RAM E DISCO

Do ponto de vista do usuário a coisa também não é simples. Quem trabalha com o Photoshop sabe que 32 Mb de RAM não é nada e que 100 Mb livres no disco para *scratch* é o mínimo aceitável. Isso, claro, para trabalhar com imagens um pouco maiores que uma fotografia comum, em 300 dpi. Quando se fala em formatos maiores, vêm implícitos mais memória RAM, mais Hard Disk e mais poder de processamento. Quem trabalha freqüentemente com esse tipo de imagem só se sentirá confortável em um PowerMac com mais de 64 Mb de RAM e alguns gigabytes de disco. É claro que a famosa "gambiarra" não está fora de questão. Não é porque você vai imprimir uma imagem de um metro que ela precisa ter esse tamanho no seu Mac. Você pode trabalhar em uma escala menor e mandar imprimir x% maior. Isso consumirá mais tempo de processamento no RIP (rasterização). Se o seu bureau for daqueles que só aceitam arquivos fechados em PostScript, você poderá dizer que é vingança. Existem outros meios de melhorar a aparência de uma

AS REVISTAS PC MAGAZINE, PC WORLD E WINDOWS MAGAZINE SÃO EDITORADAS NO MAC

impressão em baixa resolução, nem sempre muito indicados, tais como *anti-aliasing*, interpolação de pontos, etc. Use-os somente em caso de emergência.

Mas, salvo os artistas gráficos que terão um nível maior de exigência, não é necessária tanta preocupação com a qualidade final e a resolução, já que esses trabalhos costumam ser feitos grandes extamente para serem vistos de longe. É como um outdoor. De longe parece bastante definido, mas quando se chega perto a imagem embaralha. E isso não é culpa dos seus óculos... O melhor mesmo é se informar a respeito da tecnologia com que você está lidando e pegar algumas dicas com o operador do bureau, pois dependendo da impressora as "fórmulas" variam muito.

Superadas as limitações da tecnologia e o limite do cheque especial, já é possível expressar todo o tamanho de sua criatividade ou dar uma foto de corpo inteiro em tamanho real de sua pessoa a quem interessar possa. Ou ainda, se preferir, usar o bom gosto. M

CARLOS EDUARDO WITTE

É consultor na área de sistemas para computação gráfica.

witte@alphanet.com.br

ONDE ENCONTRAR

IMPRESSÕES EM GRANDES FORMATOS

Paper Express: (011) 214-4474
Bureau Bandeirantes: (011) 574-0088
PostScript: (011) 816-6899

MAIORES INFORMAÇÕES

Smar & Calcomp: (016) 642-3599
Hewlett-Packard: (011) 726-8000
Xerox: (011) 873-2266
Akad: (011) 284-2466
MGO: (011) 725-3381

ESCOLHA SEU PROCESSO

SILK-SCREEN

Vantagens:
- Imbatível para impressão chapada e cores especiais
- Tinta tem grande durabilidade
- Cores não desbotam com o tempo
- Imprime em qualquer superfície lisa

Desvantagens:
- Imagens fotográficas de baixa qualidade
- Não é indicado para quadricromia

OFFSET

Vantagens:
- Custo abaixa conforme aumenta tiragem
- Qualidade fotográfica

Desvantagens:
- Formato da impressão limitado ao formato de papel (máximo: 112 x 72 cm), formatos maiores necessitam colagem (outdoor)
- Custo alto para baixa tiragem, inviável para projetos pequenos
- Necessita fotolito

PLOTTER ELETROSTÁTICO

Vantagens:
- Qualidade fotográfica, mesmo em papel comum
- Impressão muito resistente (comparável a Offset)
- Imprime em vários tipos de superfície (utilizando transfer)
- Veloz
- Baixo custo para tiragem pequena ou tiragem única

Desvantagens:
- Equipamento caro, tecnologia em desenvolvimento
- Necessita RIP
- Tinta não é resistente como a de silkscreen

PLOTTER JATO-DE-TINTA

Vantagens:
- Qualidade fotográfica
- Impressora ocupa pouco espaço
- Funciona como uma impressora PostScript ou QuickDraw
- Custo de impressão é o mais baixo entre as impressoras de grande formato
- Variedade de equipamentos no mercado a partir de R$ 10.000

Desvantagens:
- Os melhores equipamentos podem chegar a R$ 60.000
- Tinta não é prova d'água (salvo algumas exceções)
- Para ter máxima qualidade é preciso usar *glossy paper*
- Tinta é pouco resistente à luz

MEGABYTES E UMA GARRAFA DE RUM

Onde o profeta Exu prevê o fim da indústria do software e do sapato

Uma onda recente de boatos fez um calafrio percorrer minha espinha, trazendo de volta antigos pesadelos. O tema dos boatos? Repressão antipirataria aos usuários de Mac. Uma blitz vem à mente. Será que os caras vão bater na nossa porta no meio da noite pra descobrir se você pagou a taxa daquele *shareware*? Será que eles vão se dar ao trabalho de contatar o autor lá no Wyoming ou uma voltinha no pau-de-arara é mais eficiente?

É evidente que a coisa não está feia assim, mas a idéia é ridícula do mesmo jeito. Ridícula porque denota uma total falta de compreensão do assunto. Ridícula porque é teatral e ineficiente. Não sou contra nem a favor da pirataria, a pirataria apenas é. Se queremos mudar essa realidade, então vamos agir na raiz do problema. Aliás, isso tudo é muito parecido com outras questões – aborto e abuso de drogas, por exemplo – em que simplesmente declara-se a proibição, bota-se a polícia no encalço dos "infratores" e as causas continuam lá, intocadas. Mas os mandachuvas ficam com a gostosa sensação de missão cumprida, famílias respiram aliviadas e o prolema continua comendo solto, só que na marginalidade.



Nossa plataforma favorita tá aqui no Brasil – e todo mundo sabe disso – por causa de pirataria (e contrabando – que mistura!). Em 84, enquanto a grande maioria do *board* da nossa Apple mexia com os seus proverbiais Apple IIs, já tinha matuto por aqui camelando pra descolar coisas pro 128K funcionar. A posterior expansão e evangelização da plataforma só funcionou na base da pirataria mesmo. Até hoje, quando o obreiro tenta convencer os manés a comprar "O Computador do Bem" em vez de um Pentium da vida, a primeira pergunta é: "Mas...onde dá pra descolar os programas?" É feio mas é a real.

Acabar com a pirataria é a coisa mais bico do mundo. É só fazer com que comprar o software valha mais a pena. Pronto. Pra que alguém vai se dar ao trabalho de ir com o discão debaixo do braço até a casa do amigo e depois ficar xerocando manuais se puder ligar prum número de telefone, ser atendido por alguém que conhece o assunto, pagar um preço justo (talvez até menor que o xerox do manual) no cartão de crédito e ter o produto entregue em casa, no dia seguinte, com manual em português, garantia e direito a suporte técnico e *upgrades*? Mas ainda não é o que acontece. Parece que este nosso é o único mercado do mundo em que é difícil consumir. A gente até tenta, mas não consegue (sei que temos avançado, mas ainda falta chão). E numa situação dessas pode botar a Polícia Militar, a Civil, o Exército e os justiceiros do Capão Redondo pra correr atrás de pirata que não vai adiantar. Fora isso, policiais de plantão, tá na hora de acordar! Aproveitem pra tentar reprimir a pirataria AGORA, enquanto dá. Sabe o que vem por aí? Uma maior largura de banda (aí o *download* não demora) e privacidade COMPLETA pela criptografia. Pra ilustrar: eu *uploadei* num BBS um arquivo criptografado (auto-descompactante, se você tiver a senha correta). É um *shareware*, mas a galera teve que simplesmente aceitar a minha palavra de que era um *shareware*. Podia ser um pré-release do Photoshop 8.0 vindo de um *remailer* anônimo nas Filipinas.

E a coisa vai mais longe, não é só aqui não. A indústria de software hoje em dia é uma coisa ridícula. Programas obesos, gigantes, distribuídos em caixas de papelão, grossos manuais de papel, *upgrades* desnecessários, *features* babacas e o essencial deixado de lado. A microsoftização geral. Se não rolar RÁPIDO um esquema como o proposto pelos caras do Java (ou do OpenDoc) – pequenos programas, ágeis, modulares, *pay-as-you-use*, com suporte imediato pela Net – essa joça toda vai EXPLODIR (e quem tiver de sapato não sobra); se não pelo pirata doméstico, que seja afogada por CD-ROMs clandestinos produzidos em massa em algum lugar da Ásia. M

EXU TRANCA REDE
Conselheiro editorial do MACINTÓSHICO. É anarquista mas não é bobo. Usuário da gloriosa bagaça desde 1984. Pode ser encontrado em exu@caps.com.br *ou em sua home page* www.trattoria.com/exu